

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

JÔNATAS OLIVEIRA DA COSTA

**O JORNALISMO DE JOÃO ANTÔNIO:  
Um corpo-a-corpo com a vida**

Porto Alegre

2010

JÔNATAS OLIVEIRA DA COSTA

**O JORNALISMO DE JOÃO ANTÔNIO: Um corpo-a-corpo com a vida**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

**Orientador: Antonio Carlos Hohlfeldt**

Porto Alegre

2010

JÔNATAS OLIVEIRA DA COSTA

**O JORNALISMO DE JOÃO ANTÔNIO: Um corpo-a-corpo com a vida**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt

---

Prof. Esp. Celso Augusto Schröder

---

Prof. Me. Vitor M. Necchi dos Santos Alves

---

Consagro ao pingente  
João Antônio Ferreira Filho,  
com humildade,  
por ensinar que escrever é sangrar

## AGRADECIMENTOS

Ao mestre e (ousadia minha) amigo Antonio Hohlfeldt. Pelo respeito, atenção e interesse com que me guiou neste caminho. E pelo exemplo.

À profa. Ana Maria Domingues de Oliveira, por me confiar a chave da “casa” de João Antônio, e por me receber, na UNESP e na USP, com uma hospitalidade para além da merecida.

Ao pai e à mãe, pelo amor sem limites, pelo apoio incondicional, qual fosse a aventura, e por terem mostrado que ler me faria um homem. Palavras não expressam o orgulho e a admiração que sinto por eles.

Às irmãs, porque não importa o que eu construa, o faço com as mãos delas sobre as minhas, com o companheirismo e a influência mútua que formaram nossas personalidades.

À Raíza, minha pequena, por, nas xícaras de café, pôr todo o carinho e paciência de que precisei. E porque a amo.

Aos colegas da ASCOM do TRE-RS, pela compreensão e torcida.

A todos que me ensinaram o jornalismo, na sala de aula, nos livros, no saguão da Faculdade, no trabalho e em outros espaços. Em especial, aos mestres Marques Leonam, o *Kid*, que “apontou seu dedo gordinho” – como diria Eliane Brum – para cada vacilo do meu texto imaturo, e Eduardo Lorea Leite, que escolhi meu irmão, de profissão e vida.

“Assim também são os literatos que simulam sê-lo para ter a glória que as letras dão, sem querer arcar com as dores, com o esforço excepcional, que elas exigem em troca. A glória das letras só as tem, quem a elas se dá inteiramente; nelas, como no amor, só é amado quem se esquece de si inteiramente e se entrega com fé cega”

**Lima Barreto. *Os Bruzundangas***

“Erro lá no morro chamam de vacilação  
Grupo do cachorro em dinheiro é um cão  
Papagaio é rádio  
Grinfa é mulher  
Nome de otário é Zé Mané”

De um samba:

**Padeirinho da Mangueira/ Ferreira dos Santos. *Linguagem do morro***

## **RESUMO**

Este é um estudo sobre jornalismo e literatura. Seu objeto é a obra do escritor-jornalista João Antônio, publicada em jornais, livros e revistas.

Por meio de pesquisa bibliográfica e análises qualitativa e comparativa, o pesquisador buscou examinar as ideias defendidas no texto-manifesto “Corpo-a-corpo com a vida”, escrito por João Antônio, em 1975, e verificar sua presença em uma amostra de reportagens representativas da obra jornalística do autor.

## **ABSTRACT**

This is a study of journalism and literature. Its subject is the work of writer-journalist João Antônio, published in newspapers, books and magazines.

Through bibliographic research and comparative and qualitative analysis, the researcher try to examine the ideas advocated in his manifesto "Face-to-face with life" written by João Antônio, in 1975, and verify their presence in a sample of reports representative of the journalistic work of the author.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 JORNALISMO, LITERATURA E DENÚNCIA SOCIAL .....</b>	<b>12</b>
2.1 DENÚNCIA SOCIAL.....	17
<b>3 O CORPO-A-CORPO COM A VIDA DE JOÃO ANTÔNIO .....</b>	<b>20</b>
3.1 CATEGORIZAÇÃO .....	24
<b>4 ANÁLISE COMPARATIVA .....</b>	<b>30</b>
4.1 A LAPA ACORDADA PARA MORRER (ou “A Lapa antiga e a Lapa na hora da morte”).....	32
4.2 NÉLSON “CAVAQUINHO” VAI CANTANDO A DOR DOS OUTROS .....	35
4.3 QUEM É O DEDO-DURO? .....	37
4.4 UM DIA NO CAIS .....	39
4.5 É UMA REVOLUÇÃO.....	42
4.6 CASA DE LOUCOS .....	44
4.7 POR QUE FOGEM NOSSOS FILHOS?.....	46
4.8 E JUDAS VOLTOU A SER MALHADO. COM FOGO E MUITO HUMOR (ou “Malhação do Judas Carioca”) .....	48
4.9 ESTÁ ABERTA A SESSÃO.....	50
4.10 OLÁ, PROFESSOR, HÁ QUANTO TEMPO!.....	51
4.11 OS TESTEMUNHOS DE CIDADE DE DEUS .....	53
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>59</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo do curso de graduação, o pesquisador descobriu um interesse maior pela área do jornalismo impresso. Com o tempo, foi conhecendo suas conexões e combinações com a literatura. Sempre buscou aprofundar-se sobre esse duo: jornalismo e literatura. Assim que teve contato com a obra do escritor e jornalista João Antônio, viu nela um modo dessa junção ganhar corpo, de maneira criativa e interessante, suscitando novas possibilidades e debates em torno do tema. Ao ler o manifesto “Corpo-a-corpo com a vida”, publicado no livro **Malhação do Judas Carioca** (1975), do autor, identificou-se bastante com as ideias pregadas por ele como sendo preceitos para a prática profissional de alguém que deseje transpor a realidade para páginas de jornal, revista, livro etc. Em seguida, buscou conhecer mais a obra do escritor, pelos livros editados pela Cosac Naify e em reportagens e contos disponíveis na Internet.

João Antônio Ferreira Filho (1937-1996) foi um escritor que, por força do contexto em que construiu sua carreira, transformou-se também em jornalista, sem jamais abandonar a literatura. Durante toda a vida, conjugou as duas atividades, enriquecendo uma e outra com as influências que ambas sofriam. Depois de mais de dez anos produzindo reportagens e publicando livros de contos e crônicas, fez uma defesa veemente do tipo de trabalho em que acreditava, voltado ao objetivo de fazer uma denúncia social da realidade brasileira. Trata-se do texto “Corpo-a-corpo com a vida”, datado de 3 de novembro de 1975, base deste estudo.

O presente trabalho pretende apresentar um exame da produção jornalística do escritor. João Antônio foi um dos exemplos pioneiros, no Brasil, de um estilo original – tanto na escolha dos temas como na elaboração textual –, próximo ao *New Journalism* americano, ainda incipiente. No manifesto “Corpo-a-corpo com a vida”, o escritor mostra como entendia a sua atuação na literatura e no jornalismo. Portanto, optou-se por esse texto para servir de base para a análise. O manifesto traz as premissas em que João Antônio acreditava, ligadas à escolha de temas que retratassem a realidade brasileira de seu tempo, com uma linguagem literariamente menos *pomposa* e mais próxima da dos personagens.

No mês de abril de 2010, o pesquisador viajou para a cidade de Assis, no interior de São Paulo, a fim de conhecer o Acervo João Antônio, mantido pelo Centro

de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Lá, trabalhou durante dois dias, em três turnos, na pesquisa de todo o material disponível. João Antônio conservou quase a totalidade do que era publicado, a seu respeito ou escrito por ele, em jornais, livros e revistas. O Acervo também possui anotações do escritor, cartas e sua biblioteca pessoal, que contém, junto com outros documentos, livros autografados por autores que mantinham relação de amizade com ele. Por meio de fotocópias e fotografias de sua produção, obteve-se uma quantidade razoável de textos, sobre o que se trabalhou, procurando-se enfatizar a produção jornalística do autor.

Por ocasião da visita a Assis, o pesquisador foi convidado a participar do Encontro João Antônio, promovido pelo Centro de Estudos das Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e pelo Acervo João Antônio (CEDAP/UNESP), que ocorre anualmente. No ano de 2010, o evento aconteceu no início do mês de maio, na Universidade de São Paulo (USP). Foram dois dias de palestras e discussões acerca da obra do escritor. Os participantes eram especialistas (graduados, mestres e doutores) no assunto, entre eles, Rodrigo Lacerda e Jiro Takahashi, editores de livros do autor, e Vilma Arêas, estudiosa do tema. O evento acrescentou contribuições imprescindíveis para consolidar os rumos que este projeto tomou. Trouxe uma compreensão mais clara das dimensões e da influência da obra de João Antônio e propôs novas questões para a reflexão do pesquisador.

O método utilizado para o estudo foi, em primeiro lugar, a pesquisa bibliográfica, através da qual buscou-se subsídios para apresentar um breve histórico das convergências entre jornalismo e literatura. Em seguida, mostrar como e onde a obra de João Antônio se insere nesse contexto e que caminhos ele resolveu trilhar dentro desse. Pretende-se facilitar o entendimento dos motivos que levaram o escritor à defesa das ideias que surgem em seu manifesto. Além disso, quer-se mostrar que outros exames já foram feitos sobre os métodos para se praticar a combinação de jornalismo e literatura – como o de Tom Wolfe, inclusive – e almeja-se que esses estudos auxiliem na avaliação feita por este trabalho. Após essa pesquisa, vem a análise qualitativa do texto “Corpo-a-corpo com a vida”, cujas ideias foram categorizadas e, por comparação, verificou-se sua presença em uma amostra de 11 reportagens de autoria de João Antônio, em nova análise qualitativa.

O capítulo 2 apresenta o resultado dessa pesquisa bibliográfica sobre jornalismo e literatura. Nele, faz-se uma contextualização histórica dessa interseção. Os autores Marcelo Bulhões (2007) e Rildo Cosson (2007), entre outros, servem de base para essa primeira parte do trabalho. No capítulo 3, reconstrói-se a trajetória de João Antônio no jornalismo e na literatura, para compreender-se melhor por que o escritor fez suas opções. Em seguida, justifica-se a escolha do manifesto “Corpo-a-corpo com a vida” como base deste estudo e, a partir da análise do texto, categoriza-se as ideias propostas por ele. Autores como Azevêdo Filho (2002) e Bulhões (2007) embasam essa etapa. No capítulo 4, por fim, é justificada a opção pelas 11 reportagens, de diferentes períodos da carreira do escritor, feitas para várias publicações, que compõem o *corpus* do trabalho. Logo depois, aparece a análise do material, comparando-o com as categorias do manifesto. O quinto e último capítulo é reservado para as considerações finais e para as conclusões acerca dos resultados obtidos.

Acredita-se que o presente estudo possa contribuir para debates sobre o fazer jornalístico e o papel da profissão como agente transformadora e construtora da sociedade, porque põe em discussão princípios da atividade de um repórter e a forma que toma o resultado de seu trabalho, bem como de suas consequências.

## 2 JORNALISMO, LITERATURA E DENÚNCIA SOCIAL

As experiências de encontro e convergência entre jornalismo e literatura são motivo de diversos estudos acadêmicos no Brasil e no resto do mundo. Muitos deles abordam o tema com mais profundidade do que se propõe o presente trabalho. Aqui, mais especificamente neste capítulo, pretende-se apresentar um pequeno histórico dessa interseção, desde o Naturalismo de Émile Zola até os livros-reportagem brasileiros, com o objetivo de oferecer-se subsídios ao entendimento do contexto em que se insere a obra do escritor-jornalista João Antônio Ferreira Filho. Ao longo de toda a sua carreira, João Antônio buscou, por vontade ou necessidade, aproximar ambas as áreas, até o ponto de confundirem-se.

Este capítulo usará como base o livro **Jornalismo e literatura em convergência** (2007), de Marcelo Bulhões, citando, quando necessário, outras obras. O autor introduz o assunto-título fazendo uma breve apresentação analítico-histórica do jornalismo e da literatura. Segundo ele, a literatura, ao longo dos séculos, estabeleceu-se como o território da ficcionalidade, satisfazendo a necessidade dos homens de descobrir um mundo de fantasia e de imaginação.

A literatura é, por excelência, um território para o devaneio fantasioso, uma instância de desatrelamento da vida contingente. A sua *verdade* reside também aí, ou seja, na capacidade de atingir uma dimensão universal e essencial da subjetividade humana, a da atividade imaginativa (BULHÕES, 2007, p. 19).

O jornalismo, por sua vez, criou-se e desenvolveu-se com base na convicção de que a realidade pode ser plenamente reproduzida nas páginas de um jornal, revista ou livro. E não apenas isto. A atividade jornalística também calcou-se no princípio de que deve tratar somente de fatos. Ou seja, na ideia de que à ficção não é permitido entrar nesse ofício. Assim, para Bulhões (2007, p. 21), “o jornalismo vai de fato assumindo uma identidade marcadamente contrária à dos produtos de ficção e fantasia”. Além disso, na transição do século XIX para o século XX, ocorre uma importante mudança, que vai definir a atuação dos profissionais da área jornalística, durante estes mais de cem anos, até hoje, e caracterizar o ofício.

Uma vez que os fatos é que passam a interessar, muito mais que as opiniões, o jornalismo vai se imbuindo cada vez mais da atitude de verificação dos acontecimentos em estado bruto, *in loco*. É preciso ir à

cata deles, testemunhá-los, para produzir notícias que excitam e saciam o apetite das massas urbanas. O agente profissional dessa atitude desacomodada, vibrante, impregnada da convicção de que é preciso colar-se à pele do real, é o repórter. Ele passará a ser o grande responsável pelo conceito moderno de jornalismo. E o produto de sua escrita, a reportagem, será a coqueluche do jornal, vista como a essência do próprio ofício (BULHÕES, 2007, p. 23).

Contudo, essa noção de que a palavra escrita deve espelhar a realidade é anterior ao jornalismo. Um exemplo marcante, na história da literatura, de um período em que os escritores aproximaram-se das premissas que, posteriormente, serviriam ao jornalismo, surge com o Realismo e, em seguida, com o Naturalismo, na segunda metade do século XIX. Defensor de uma literatura que se forjasse apenas por observação e descrição de fatos, Émile Zola – o ícone naturalista – não pensava numa guinada da literatura em direção ao jornalismo. Pelo contrário, sustentava o jornalismo praticado à época, ideológico e doutrinador. Porém, os preceitos que pregou para a atividade literária viriam a se tornar princípios de um jornalismo que busca captar a realidade. Zola transmitiu para o século XX uma matriz de influência para a elaboração de grandes reportagens e explicitou um canal de correspondência entre jornal e letras (BULHÕES, 2007).

As convergências entre jornalismo e literatura, quanto à narratividade, iriam se manifestar, fundamentalmente, em três gêneros: *romance* e *conto*, nessa, e *reportagem*, naquele. Dentre os aspectos presentes no conto, e também nas formas narrativas jornalísticas, *notícia* e *reportagem*, destaca-se a concisão. No que tange ao romance, é exatamente a sua vertente realista-naturalista – com sua captação de quadros sociais – que vai fornecer subsídios para a posterior realização do gênero *reportagem*, que se desenvolveu com os pés firmes na máxima de que o repórter deve presenciar e relatar os fatos. No século XX, a revista americana Time trará a *grande reportagem*, e este gênero se reproduzirá e evoluirá, a partir daí – inclusive em forma de livro – com ampla liberdade de experimentação, aumentando ainda mais a mistura entre as duas áreas pesquisadas (BULHÕES, 2007).

A literatura brasileira também mostrou os primeiros sinais de vinculação com a realidade e afinidade com procedimentos que viriam a ser adotados pelo jornalismo, na transição do século XIX para o século XX, com a publicação de romances naturalistas, como **O cortiço** e **Casa de pensão**, de Aluísio de Azevedo, e **Os sertões**, de Euclides da Cunha. É nesse período que Lima Barreto, João do Rio, Benjamim Costallat, e, anos depois, Graciliano Ramos e Jorge Amado, vão

fazer as primeiras experiências claras, no Brasil, de mistura de literatura com jornalismo e vice-versa – e, inclusive, de ficção com factualidade – seja no formato de livros, seja no de folhetins publicados nos jornais.

Passada a primeira metade do século XX, veio a crescente influência, no Brasil e em várias partes do mundo, do modelo norte-americano de reprodução noticiosa, oriundo de uma fase de industrialização do jornalismo e do tratamento da notícia como produto. O capitalismo começa a exercer cada vez mais sua força sobre a área, que abandona de vez os resquícios ideológico-partidários e agora prima pela busca da objetividade da informação. Formas como a do *lead* e da *pirâmide invertida*, bem como a delimitação dos gêneros em *notícia*, *reportagem*, *editorial*, *comentário* etc. são amplamente disseminadas pelas redações. A literatura praticamente some das páginas de jornal. Alguns célebres nomes do ramo, como Joel Silveira e Nelson Rodrigues, ainda tomaram atitudes de resistência ao modelo, mas a literatura teria de procurar outra plataforma para se envolver com o jornalismo.

Apenas nos anos 1960, emblematicamente com a experiência de revista Realidade, surgida em 1966, jornalismo e literatura voltariam a se apresentar juntos. O escritor João Antônio foi um dos mais conhecidos repórteres da revista. Trabalhou nessa redação de 1967 a 1968 e publicou, primeiramente na revista, algumas de suas grandes reportagens, como “Um dia no cais” e “É uma revolução!”. Voltar-se-á a este ponto no próximo capítulo, quando se entrará mais fundo na obra de João Antônio.

Antes de buscarem a forma de livro, os jornalistas tentaram, nas páginas de uma revista, salvaguardar o espaço de imbricamento entre a literatura e o jornalismo. Produto de uma primeira experiência da Editora Abril no campo do jornalismo, a revista Realidade é um marco do processo de *modernização* que a imprensa brasileira atravessa na metade dos anos 1960. Ela tanto aproveita os recursos técnicos de impressão e editoração de uma maneira até então inédita no Brasil, quanto prima por seu modo diferente de tratar os assuntos e de fazer reportagem. Como diz Mônica Maia (1989), a revista não só aborda temas tabus com franqueza, como conta com o envolvimento direto dos repórteres no assunto relatado, numa perspectiva que chocava a sociedade de então (o que gera até mesmo a apreensão de uma edição da revista) (RILDO COSSON, 2007, p. 103).

As décadas de 1960 e 1970 ainda seriam marcadas por dois outros fenômenos nessa área: o *New Journalism*, nos Estados Unidos – com repercussão

mundial – e, no Brasil, os romances-reportagem (ou livros-reportagem). O Novo Jornalismo norte-americano não era exatamente um movimento. Era mais a congruência dos trabalhos que vários escritores-jornalistas vinham exercendo na década de 1960, compilados por Tom Wolfe em seu livro **O Novo Jornalismo**. Inseridos no contexto daquele período, que era de transgressão, os novos jornalistas buscaram quebrar o padrão americano, baseado na objetividade do *lead* e da *pirâmide invertida*. Truman Capote, Tom Wolfe, Norman Mailer, Gay Talese, Hunter Thompson, John Hersey e outros são nomes que têm sua produção associada ao *New Journalism* – apesar de, até hoje, alguns desses autores negarem o rótulo.

O *New Journalism* é concebido como uma frente ampla de novas formas e práticas dispostas a revolucionar um jornalismo considerado estereotipado e incapaz de dar conta da pluralidade dos acontecimentos contemporâneos. Nesse sentido, ele compreenderia não só um novo gênero, assim também como tudo que é alternativo e oposto ao jornalismo tradicional. O alvo principal do movimento é o modelo de objetividade adotado nos grandes jornais tido como meramente ideológico para os mais radicais e massificador para os mais moderados (COSSON, 2007, p.135).

O pesquisador acrescenta:

Carlos Eduardo Lins da Silva (1991) comenta que o *new journalism* repercutiu no Brasil, embora os exemplos bem-sucedidos aqui sejam menos numerosos (Marcos Faerman, do Jornal da Tarde, entre eles) (p.111). Edvaldo Pereira Lima (1993) diz que 'é possível conjecturar que o novo jornalismo americano tenha influenciado dois veículos lançados em 1966 (...), que se notabilizariam exatamente por uma proposta estética renovadora: a revista Realidade, considerada a nossa grande escola de reportagem moderna, e o Jornal da Tarde' (p.146)" (COSSON, 2007, p.134).

No texto “A tomada do poder”, Wolfe não só assume a influência do Realismo e do Naturalismo, como também elenca os recursos usados pelo seu *movimento*. Seriam eles:

1. Construção cena a cena, ou seja, os novos jornalistas procuravam desvencilhar-se da narrativa simples dos fatos e preferiam contar a história cena a cena;
2. Registro de diálogos. Eles acreditavam que o diálogo definia e descrevia o personagem de maneira eficaz. Enquanto os romancistas o eliminavam, os novos jornalistas o usavam plenamente;



3. Ponto de vista da terceira pessoa. A história era apresentada a partir do olhar de um dos personagens, dando a sensação ao leitor de que estava dentro da cabeça do personagem;
4. Registro de detalhes que simbolizem o *status* de vida da pessoa dentro de uma cena (gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, roupas, decoração, maneiras de viajar, comer, manter a casa, modo de se comportar com os filhos, com os criados, com os superiores, com os inferiores, com os pares, além dos vários ares, olhares, poses, estilos de andar e outros) (WOLFE, 2005).

Depois dele, John Hollowell (1977) iria mais fundo, afirmando que os novos jornalistas valiam-se desses e de mais dois outros recursos:

5. Monólogo interior, ou a apresentação do que pensa e sente um personagem, sem abrir mão da citação direta; os fatos são reportados como se o sujeito os estivesse pensando, ao invés de usar citações diretas do que fala;
6. Caracterização composta, ou a projeção de uma imagem de traços de caráter e anedotas extraídas de uma série de fontes. É a criação de um personagem composto, uma pessoa que representa uma classe total de sujeitos. Nos melhores artigos, essas composições sempre estão apoiadas em entrevistas e uma investigação meticulosa.

No Brasil, algumas obras – sobretudo nos anos 1970 – também foram classificadas como pertencendo a um tipo de fazer literário e ao mesmo tempo jornalístico. Os *romances-reportagem* reproduziram, em outra plataforma – o livro – o movimento que havia sido iniciado em 1966 pela revista Realidade. Era o jornalismo, mais uma vez, caminhando em direção à literatura.

Inicialmente título dado a uma coleção da Civilização Brasileira pelo seu editor Ênio Silveira, o termo *romance-reportagem* pretendia recobrir apenas um conjunto de obras baseadas em episódios reais, com personagens também reais e uma narrativa que adotava contornos ficcionais. Graças ao grande sucesso de vendas do segundo título da coleção, **Lúcio Flávio, o passageiro da agonia**, que vendeu em quatro meses 10 mil exemplares, a expressão populariza-se e passa a ser tanto denominação de um gênero quanto referência a uma grande parte da produção literária da época (COSSON, 2007, p.37).

## 2.1 DENÚNCIA SOCIAL

O manifesto “Corpo-a-corpo com a vida” (1975), de João Antônio, objeto principal deste estudo, traz como pano de fundo a defesa de um jornalismo e de uma literatura que expusessem as mazelas sociais de sua época. A revelação sustentada pelo autor estava vinculada a um contexto de ditadura militar no país e, mais ainda, à literatura ligada ao jornalismo, que sempre trouxera ventos de denúncia social. Basta ver a produção de alguns autores brasileiros. Lima Barreto – autor a quem João Antônio sempre consagrava seus trabalhos – é um bom exemplo. Mesmo num período (final do século XIX e começo do século XX) em que o jornalismo brasileiro vivia uma transição – do ideológico-partidário para o factual – a matéria-prima de Lima, fosse nos jornais ou nos livros, também era essa denúncia. E não foi à toa que João Antônio tornou-se um continuador da obra dele, num outro contexto jornalístico-literário.

A trajetória de Lima Barreto esteve em larga medida ligada à atividade jornalística, sobretudo à pequena imprensa. E ao jornalismo combativo, de denúncia e sátira do comportamento das instituições políticas do país, de suas medidas reacionárias, de sua fisionomia burocrática e mantenedora dos privilégios das elites. Lima Barreto destaca-se no contexto de nossas letras da *belle époque* como grande crítico da Primeira República. Realizou, pois, uma literatura e uma escrita jornalística de visceral desmascaramento de nossas mazelas institucionais (BULHÕES, 2007, p.94).

O importante, aqui, é destacar que a obra literária de Lima demonstrava uma missão social, uma atitude de observação digna do Realismo e, por consequência, uma *pegada* jornalística. Além disso, o escritor trabalhou com uma temática repleta de flagrantes sobre existências destituídas de glória, ligadas aos núcleos da sociedade menos favorecidos. Lima usou uma linguagem sem os ornamentos e beletrismos próprios da literatura da época, marcada pela *art nouveau* e pela *belle époque* (BULHÕES, 2007). Essas constatações servem para ilustrar a imensa influência que a obra de Lima Barreto teria sobre a de João Antônio. Este não foi apenas um admirador, mas verdadeiro discípulo daquele.

Mais tarde, veio o Neo-Realismo da década de 1930, fase da literatura nacional mais uma vez vinculada a características do fazer jornalístico. Os romances **Suor** (1934), de Jorge Amado, e **Vidas secas** (1938), de Graciliano Ramos, são dois exemplares do movimento. Agora, sem o cientificismo que pairava sobre o

legado naturalista de Zola, mas influenciados pela sociologia de Marx, esses autores mantinham a mesma preocupação que apareceria tantas vezes na história da literatura brasileira: ligar-se à realidade social, assim como o fazia o jornalismo. Fabiano, personagem de **Vidas secas**, é a típica figura do *descamisado*, excluído e esquecido, que somente apareceria se trazido ao mundo por um Lima Barreto, um Graciliano Ramos ou um João Antônio, em gerações diferentes.

Flora Süssekind (1984, p.36) comenta essa característica:

No caso da literatura brasileira não é muito difícil perceber idêntica e ansiosa busca de fidelidade documental à *paisagem*, à *realidade* e ao *caráter* nacionais. Meio filho pródigo, meio espelho, meio fotografia; é numa busca de identidade e de especificidades que possam fundar uma identidade nacional que se costuma definir a literatura no Brasil. E, diante da impossibilidade de se fugir ao *desenraizamento*, à *orfandade*, o projeto de uma literatura *realista* e *documental* parece viajar em direção a utopia semelhante a Comala, cidade-fantasma de **Pedro Páramo**.

Ela critica a postura dos escritores brasileiros que, em diferentes períodos, como a transição do século XIX para o século XX e as décadas de 1930 e 1970, procuraram, segundo a autora, manter-se sempre próximos do Naturalismo, aproximando ciência e jornalismo, com isso negando sua própria ficcionalidade em detrimento do caráter documental, porque perderia-se, em termos de linguagem.

Não é o romanesco, o literário, o que importa, mas a possibilidade de tais narrativas retratarem com *verdade* e *honestidade* aspectos da *realidade brasileira*. Importa que o trabalho com a linguagem, os recursos narrativos, a literatura, cedam lugar à perseguição naturalista de um *décor* brasileiro, personagens típicos e uma identidade nacional. Repete-se, no que diz respeito à literatura brasileira, a exigência de que *radiografe* o país. Mais que fotografia, o texto se aproxima do diagnóstico médico a captar sintomas e mazelas nacionais. A ordenar discontinuidades e diferenças. A buscar uma identidade chamada Brasil e uma estética naturalista que permitam uma simetria perfeita à máxima: Tal Brasil, qual romance (SÜSSEKIND, 1984, p. 38).

Feita essa observação, volta-se à linha histórica. Passado, então, o período de afastamento entre jornalismo e literatura – o primeiro atento ao modelo norte-americano – chegamos à revista Realidade e aos romances-reportagem, também denunciadores da realidade social de seu tempo. Nascida e enterrada sob a sombra da ditadura militar no Brasil, Realidade tornou-se um veículo no qual os jornalistas podiam extravasar sua vontade de desvelar a sociedade.

É nesse contexto que surge a obra de João Antônio. Desde **Malagueta, Perus e Bacanaço**, sua estreia de sucesso – recebeu vários prêmios, inclusive o Prêmio Jabuti de Literatura – ele já expressava preocupação em mostrar o dia-a-dia das classes mais baixas e do submundo. Assim como muitos outros escritores de seu tempo, João Antônio enveredou pela carreira jornalística, que manteve durante toda a vida em paralelo com a de criador ficcional – sempre permitindo que estas se entrelaçassem. Em Realidade, ou em outras revistas e jornais para os quais trabalhou, tentou demonstrar a mesma preocupação: fazer uma denúncia social e dar voz aos excluídos, aos nunca lembrados, à escória.

No manifesto “Corpo-a-corpo com a vida”, o escritor defende, entre outras coisas, a ideia de que essa denúncia, essa revelação, deve ser feita valendo-se da linguagem dos retratados. “Um bandido falando de bandidos”, diz. Ou seja, propõe uma nova possibilidade para a literatura, marcada por traços fortes do jornalismo, para alcançar a denúncia a que se pretende sua obra. Esse é o diferencial de João Antônio. Imaginar que se pode fazer um texto jornalístico que vá além da linguagem despojada e que use o linguajar e as gírias dos retratados para falar deles.

Trazendo o problema da linguagem do *outro* para o contexto da prosa de João Antônio, depara-se com a linguagem *barra-pesada* do excluído social. Ao fazer isso, o que se vai perceber, sobretudo a partir do seu segundo livro, **Leão-de-chácara** (1975), João Antônio conseguirá afirmar a capacidade de atingir uma dimensão que só a literatura alcança, por incorporar, ao fazer um corte *por dentro*, as formas de expressão do sujeito marginalizado, dando voz, sem filtro, a uma realidade humana que se deve escutar. Ou melhor, auscultar, uma vez que a prosa mais vigorosa de João Antônio parece captar as profundezas da fala submundana de pobres-diabos e malandros (BULHÕES, 2007, p.181).

Prossegue o autor:

Todavia, o caminho de acesso à linguagem do lúmpen, na obra de João Antônio, faz-se com a integração de uma postura jornalística, a qual foi-se dando progressivamente, aumentando de intensidade. Em **Malagueta, Perus e Bacanaço**, seu primeiro livro, tal caminho já é apontado, embora sem a contundência que se verá depois. A partir do terceiro, **Malhação do Judas Carioca** (1975), o elemento jornalístico-documental é assumido explicitamente, o que se observa nos textos “Cais”, apresentado como conto-reportagem, e “Sinuca”, ambos lançados originalmente na revista Realidade (BULHÕES, 2007, p.182).

Jornalismo, literatura e denúncia social. Esta tríade, que sempre caminhou a passos próximos, ao longo do tempo, regeu vários períodos da produção de escritores brasileiros e estrangeiros, inclusive as décadas de 1960 e 1970, no Brasil, quando João Antônio protagonizava essas tendências.

### 3 O CORPO-A-CORPO COM A VIDA DE JOÃO ANTÔNIO

Neste capítulo, pretende-se apresentar um pouco da trajetória de João Antônio, antes e depois de escrever o texto “Corpo-a-corpo com a vida”. Em seguida, justificar a escolha desse texto-manifesto do escritor-jornalista como peça central deste trabalho e fazer-se uma categorização das ideias propostas por nele. O objetivo é buscar entender por que João Antônio tornou-se um intérprete do submundo, por que optou por uma forma despojada de escrever e como chegou a seu manifesto “Corpo-a-corpo com a vida”.

João Antônio Ferreira Filho foi escritor e jornalista, durante toda a sua carreira. Nasceu em São Paulo, capital, em 1937, de uma família de pequenos comerciantes do subúrbio. Autor de contos e crônicas, começou sua carreira publicando contos em jornais, como Tribuna da Imprensa e Última Hora. Em 1963, lançou seu primeiro livro, **Malagueta, Perus e Bacanaço**, um sucesso, que lhe rendeu diversos prêmios, inclusive os Jabutis de Livro de Contos e Autor Revelação.

De certa maneira, a publicação de **Malagueta, Perus e Bacanaço** em 1963, pela editora Civilização Brasileira, foi uma espécie de senha para que seu autor pudesse se credenciar a trabalhar como jornalista nos grandes veículos de comunicação impressa. João Antônio não era mais apenas um candidato a jornalista, mas um autor estreado que obteve elogios de grandes críticos ao seu primeiro livro (AZEVEDO FILHO, 2002, p.20).

Contudo, é somente no ano seguinte, quando se transfere para o Rio de Janeiro, que João Antônio começa a trabalhar no Jornal do Brasil, fazendo reportagens. Em 1966, participou da equipe fundadora da revista Realidade. Atuou também nas redações da revista Manchete, dos jornais O Globo, O Pasquim e Tribuna da Imprensa, entre outros. É o criador da expressão *imprensa nanica*, a respeito do jornalismo alternativo e independente dos anos 1970, e colaborou com vários tablóides do jornalismo paralelo. Editou o Livro de cabeceira do homem, para a Editora Civilização Brasileira (ANTÔNIO, s/d).

Em **Malagueta, Perus e Bacanaço**, sua estreia, o escritor apresenta vários contos sobre os *viradores* da periferia paulista, entre eles o que dá nome ao livro que retrata a vida dos jogadores de sinuca dos bares paulistanos. Nos anos seguintes, até o lançamento de seu segundo livro, **Leão-de-chácara** (1975),

trabalhou intensamente como repórter. Para a Realidade, realizou muitas reportagens, como: “É uma revolução”, sobre o clássico entre Cruzeiro e Atlético-MG; “Ela é o samba”, entrevista com a cantora Aracy de Almeida; “Quem é o dedoduro?”, sobre a relação promíscua entre bandidos e polícia, e os homens que se infiltram na marginalidade para vender informações à polícia; “Pequeno prêmio”, que trata do trote de cavalos; “Um dia no cais”, apresentado pelo próprio escritor como o primeiro conto-reportagem da imprensa brasileira, sobre a rotina dos trabalhadores e frequentadores – diurnos e noturnos – dos arredores do porto de Santos; e “Casa de loucos”, que mostra o dia-a-dia de um hospício, onde o repórter se internou, no Rio de Janeiro, entre outros.

Entre 1968 e 1969, trabalha para a revista Manchete e para veículos pequenos, da chamada *imprensa alternativa*, como Bondinho. Poucos anos depois, é chamado para ser editor de “Cidades” do jornal O Globo e, em seguida, atua na empresa Rio Gráfica, ajudando a criar novas publicações. Em 1973, vai para o jornal Diário de Notícias e, em 1974, passa a assinar uma coluna n' O Pasquim. Em 1975, mesmo ano da publicação de seu segundo livro de contos, **Leão-de-chácara**, tenta emplacar, junto com outros colegas de profissão, um projeto alternativo de jornalismo. Em cooperativa, eles criam o jornal Panorama, em Londrina, para o qual João Antônio escreve algumas reportagens. O veículo não chega a completar um ano (AZEVEDO FILHO, 2002).

Ainda em 1975, o escritor lança **Malhação do Judas Carioca**, um livro jornalístico, reunindo crônicas e reportagens publicadas anteriormente na grande imprensa. Depois da experiência no interior do Paraná, ele recebe um convite do proprietário da editora Civilização Brasileira para dirigir uma nova fase do Livro de Cabeceira do Homem. Ali, publica mais três reportagens: “Os testemunhos de Cidade de Deus”, “Saudades do brega” e “Agonia das gafeiras”. Em 1976, estreia como cronista diário do jornal Última Hora. No ano seguinte, o escritor lançou mais duas obras: **Lambões de Caçarola**, em que relembra o período de sua infância, marcado pelo governo de Getúlio Vargas, e **Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto**, que é uma espécie de colagem de textos de Lima Barreto, editada por João Antônio. Em 1978, publica **Ô Copacabana!**, uma grande reportagem, em livro, sobre o bairro em que vivia. Em 1982, organiza o volume da série Literatura Comentada sobre Noel Rosa. No mesmo ano, lança **Dedo-duro**,

livro de contos, de sucesso comparado ao de sua estreia como escritor (AZEVEDO FILHO, 2002).

Durante o ano de 1985, publica crônicas semanais no jornal O País. Na mesma época, lança mais um livro de contos, **Abraçado ao meu rancor** (1986). Nos anos seguintes, o escritor foi para Berlim, Alemanha, a convite do governo daquele país. De lá, mandou alguns textos para o jornal O Estado de São Paulo, do qual era colaborador desde seu primeiro conto, “Frio”, em 1959, até meados da década de 1990. Em 1991, lança **Zicartola e que tudo o mais vá para o inferno!**, livro de crônicas, com características jornalísticas. Em 1993, publica dois novos livros de contos: **Guardador** e **Um herói sem paradeiro – Vidão e agitos de Jacarandá poeta do momento**. De 1993 até sua morte, em 1996, João Antônio escreve para o jornal Tribuna de Imprensa, resenhando livros e exercendo a crítica literária. O ano da morte do escritor é um dos mais produtivos para ele. Lança três livros: **Sete vezes rua**, de contos; **Patuléia – Gentes da rua**, antologia de escritos jornalísticos e literários; e **Dama do Encantado**, contos e reportagens (AZEVEDO FILHO, 2002).

Como se pode ver, é nas décadas de 1960 e 1970 – em periódicos, como a revista Realidade, o Jornal do Brasil ou nos veículos da *imprensa nanica*, e em livros, como **Malhação do Judas Carioca** ou **Ô Copacabana!** - que João Antônio desenvolve com mais intensidade o seu trabalho de repórter. O objeto deste estudo é o jornalismo na obra do autor, mas sua própria trajetória profissional deixa claro que ele jamais fez questão de manter a literatura afastada de sua produção jornalística. Trabalhou numa e noutra área sem fazer distinções, diferentemente de alguns escritores brasileiros.

No caso de João Antônio, a experiência literária não só dispensa a tarefa de ocultação do traço jornalístico, mas mostra que dela retira muito de sua força. Ou seja, a vivência jornalística é assumida nos termos de uma literatura que incorporará as forças do gênero essencial do jornalismo, a reportagem, no interior de uma expressão poderosa (BULHÕES, 2007, p.182).

Tendo construído sua carreira num período em que o modelo norte-americano de reprodução de notícias era contestado pelos próprios jornalistas daquele país – vide o *New Journalism* da geração de Tom Wolfe – o escritor encontrou um ambiente favorável ao tipo de texto que, propositalmente, ou envolvido pelo contexto da época, produzia.

A atividade jornalística de João Antônio relaciona-se com a produção literária, chegando a um ponto no qual o escritor não diferencia uma da outra. Percebemos que o olhar do repórter João Antônio influenciou o contista e vice-versa (AZEVEDO FILHO, 2002, p. 13).

Assim como um Gay Talese, João Antônio imprimiu características literárias às grandes reportagens que fez para jornais e revistas. Porém, procurou diferenciar-se exatamente pela linguagem livre – ao extremo – e próxima do palavreado de seus retratados. Independentemente de, se no jornalismo ou na literatura, ou ainda na mistura de ambos, João Antônio tornou-se conhecido por revelar personagens do submundo – marginais, *descamisados*, proletários e outros que habitam as periferias das grandes cidades.

Os seus contos exploram quase sempre o chamado submundo, o outro lado que pagamos para não ver, ou para ver do palanque armado pelos distanciamentos estéticos. Mas ele nos arrasta para o centro da arena, por que é onde se instala, sem desprezo nem complacência, a fim de criar uma espécie de normalidade do socialmente anormal, fazendo com que os habitantes de sua noite deixem de ser excrescências e se tornem carne da mesma massa de que é feita a nossa (CANDIDO, disponível em <cedap.assis.unesp.br/acervo\_joao\_antonio>).

O crítico Paulo Rónai (disponível em <cedap.assis.unesp.br/acervo\_joao\_antonio>) destacou:

As personagens, que às vezes se confundem com o autor, são em sua maioria do submundo: jogadores de sinuca, prostitutas, traficantes, alcagüetes; há também gente do futebol, da música popular e da publicidade - todas visceralmente identificadas com o seu meio de vida e de morte, que lhes modula os sentimentos e a fala, em perpétua revolta contra a sociedade, cuja pressão os esmaga, sejam eles marginais ou não. Com sua fala nervosa, explosiva, brutal, elas nos agridem, e nos forçam a darmos um mergulho, queiramos ou não, em seu ambiente. Tal um novo "Boca do Inferno", o autor cataloga seus rancores, vomita a sua indignação, resmungando pragas e palavrões.

Ressalte-se, ainda, o comentário de Ricardo Ramos (disponível em <cedap.assis.unesp.br/acervo\_joao\_antonio>), escritor, filho de Graciliano Ramos:

Mais que um anti-retórico, João Antônio encarna e atualiza essa inclinação severina, ou fabiana, para os nossos eternos *descamisados*. A gente que povoa um morro, um beco, um cinema paulistanos; a feira, o bairro, a praça cariocas; e ladeiras, e poeiras, e pulgueiros baianos. Entrelaçados, vivamente, nas suas vibrações.



Como restou demonstrado no capítulo anterior, a convergência entre jornalismo e literatura sempre esteve ligada à denúncia social. Com João Antônio, que construiu sua obra amparado por esses dois pilares, não foi diferente. Mas ele queria ir mais fundo no desvelamento das mazelas de seus personagens, os excluídos da sociedade. Preocupado com a linguagem pomposa e sofisticada que alguns escritores de sua geração empregavam, João Antônio incluiu, no final do livro **Malhação do Judas Carioca**, uma espécie de manifesto que resume a literatura e o jornalismo que defendia. Trata-se do texto “Corpo-a-corpo com a vida”, datado de 3 de novembro de 1975, e que servirá de base comparativa para a análise a que se pretende este trabalho.

Caso um texto pudesse dizer exatamente como João Antônio entendia a relação entre literatura e jornalismo, este só poderia ser “Corpo-a-corpo com a vida”, uma espécie de manifesto datado de novembro de 1975 e publicado em **Malhação do Judas Carioca**. Nele, o escritor mostra claramente como entendia o seu próprio trabalho na literatura e no jornalismo (AZEVEDO FILHO, 2002, p. 122).

Sobre os argumentos de João Antônio em seu manifesto, o crítico literário Alfredo Bosi (disponível em <cedap.assis.unesp.br/acervo\_joao\_antonio>) afirmou:

Sobre todos recai a sátira cura do nosso autor, que não poupa seu desdém nobremente plebeu por toda essa fauna agarrada aos meios de comunicação de massa, vampiros de idéias alheias, onanistas de frases de efeito, demagogos cujo verbo venal é quase uma fatalidade. O mercado do leitor consumista se entrega baboso a quem grita mais forte, aparece mais vezes e chega mais rápido. Estende-se de novo sobre os passos de João Antônio a sombra irada de Lima Barreto lançando palavras de escárnio contra os *periodistas* fátuos e cínicos de sua *belle époque* carioca.

Marcelo Bulhões (2007, p.185) completa:

Trata-se, como se vê, de filiação a um segmento antibeletista e antiacademista. Trata-se também da crença em um modo de fazer literário cuja linguagem captaria as formas da comunicação cotidiana numa postura contrária a qualquer ornamentação.

### 3.1 CATEGORIZAÇÃO

A seguir, propor-se-á uma categorização das ideias defendidas por João Antônio em “Corpo-a-corpo com a vida”, com uma breve análise delas, quando

necessário, para melhor entendimento. O objetivo é que esse elenco sirva de base para a comparação com o trabalho jornalístico do escritor, presente nas reportagens, de sua autoria, escolhidas para a concretização deste estudo. De maneira geral, o manifesto do escritor está baseado em princípios também ouvidos pelas vozes de Émile Zola, no *Naturalismo*, ou Tom Wolfe, no *New Journalism*, com algumas diferenças no que diz respeito às técnicas de apuração e ao uso da linguagem. Além disso, surge a defesa joaoantoniana de uma temática social brasileira. Onde se lê *literatura*, no manifesto, leia-se também *jornalismo*, até porque João Antônio não fazia tal distinção e o texto deixa claro que os preceitos levantados por ele valem para as duas áreas, e para a experiência de amalgamá-las.

Logo na abertura de “Corpo-a-corpo com a vida”, o autor afirma:

Grande parte dos escritores que depõem hoje sustenta preocupação vinculada à forma, sob a denominação de um *ismo* qualquer. Lamentável ou incrível. As posições beletistas não mudaram entre nós, sequer um milímetro, nos últimos quinze anos. Mas é de uma simplicidade alarmante. O distanciamento absurdo do escritor de certas faixas da vida deste país só se explica pela sua colocação absurda perante a própria vida. Nossa severa obediência às modas e aos *ismos*, a gula pelo texto brilhoso, pelos efeitos de estilo, pelo salamaleque e flosô espiritual, ainda vai muito acesa (ANTÔNIO, 1975, p. 143).

Por essa observação, depreende-se que o escritor levanta sua primeira bandeira:

1. Combate à preocupação com formas ligadas apenas a movimentos literários, em detrimento de conteúdos que contemplem a realidade social brasileira.

Em seguida, surge a defesa de uma literatura que revele a vida brasileira, vista de perto, sem distanciamentos, de dentro para fora. O autor alega que não há conteúdo e nem forma brasileiros em nossos livros, e que existiria uma importação, mal feita, de formatos e temas.

O de que carecemos, em essência, é o levantamento de realidades brasileiras, vistas de dentro para fora. Necessidade de que assumamos o compromisso com o fato de escrever sem nos distanciarmos do povo e da terra. O que é diferente de publicar livros, e muito. Daí saltarem dois flagrantes vergonhosos – o nosso distanciamento de uma literatura que reflita a vida brasileira, o futebol, a umbanda, a vida operária e fabril, o êxodo rural, a habitação, a saúde, a vida policial, aquela faixa toda a que talvez se possa chamar radiografias brasileiras. E é devido a tal carência que, de um lado, não temos conteúdo, e de outro, nem temos forma brasileira. Pois que, a forma, resulta de uma posição

intelectualizada e fornece uma falsa estética, importada, empostada, mal adquirida, sujeita a todas as ondas e sempre mal digerida (ANTÔNIO, 1975, p. 143).

Em outro trecho, ressalta:

Seria muito necessária a humildade e a dignidade de olhar à nossa volta e compreender, enxergar finalmente que somos já um povo. Encarar, respeitar, conhecer isso e erguer uma literatura à sombra disso, de, sobre e para esses fatos, (ANTÔNIO, 1975, p. 145).

E ainda completa:

Precisamos de uma literatura? Precisamos. Mas de uma arte literária, como de um teatro, de um cinema, de um jornalismo que firam, penetrem, compreendam, exponham, descarnem as nossas áreas de vida, (ANTÔNIO, 1975, p. 145).

João Antônio alega que há uma herança de literatura de denúncia social, no Brasil, a ser seguida. Deixada por escritores como Lima Barreto, Graciliano Ramos e Oswald de Andrade.

De tudo isso, provém a segunda categoria:

2. Literatura com forma e conteúdo brasileiros, que reflita a vida do povo do país.

O terceiro item a ser listado por este trabalho apenas especifica ainda mais o segundo. Aqui, aparece a referência aos personagens que tornariam João Antônio conhecido como *escritor do submundo*. Segundo ele, certas faixas de vida brasileiras não estão representadas em nossa literatura.

Não é possível produzir uma literatura de heróis taludos ou de grandiosidade imponente, nem horizontal, nem vertical, na vida de um país cujo homem está, por exemplo, comendo rapadura e mandioca em beira de estrada e esperando carona em algum pau-de-arara para o Sul, já que deve e precisa sobreviver (ANTÔNIO, 1975, p. 144).

Daí, surge a terceira categoria:

3. Escolha de personagens excluídos do sistema social: *descamisados*, marginais, representantes das mais baixas classes brasileiras.

O quarto critério talvez seja o mais importante e o mais incisivamente defendido por João Antônio em “Corpo-a-corpo com a vida”.

4. Ponto de vista de dentro para fora, numa nova postura do escritor, agindo como um observador participante,

ou seja, como o autor defende, um “corpo-a-corpo com a vida brasileira. Uma literatura que se rale nos fatos e não que rele neles”, uma imersão no ambiente a ser retratado ainda mais profundamente, para que o repórter possa olhar e descrever a realidade pela ótica de dentro dela.

Já o como fazer essa literatura me parece implicar, enquanto se pretenda retratar o mundo que nos cerca, na necessidade do invento ou desdobramento de uma nova ótica, nova postura diante dos acontecimentos. Trocando em miúdos: um sujeito pensante não poderia mais, pelo menos conscientemente, ver, sentir e retransmitir um crime do Esquadrão de Morte, por exemplo, pela ótica costumeira ou por alguma das óticas tradicionais. Mas sim, tentaria no fundo enxergar e transmitir um problema velho, visto com olhos novos. Novos, mais sérios, mais atraídos, sensíveis, fecundos, rasgados, num corpo-a-corpo com a vida. Jamais como um observador não participante do espetáculo (ANTÔNIO, 1975, p. 146).

João Antônio sustenta que, mesmo que experimentalmente, o repórter seja um “bandido falando de bandidos”; valha-se do mesmo individualismo de seu retratado, mas com uma visão crítica. O escritor-jornalista ainda destaca que o valor principal do seu premiado livro de estreia, **Malagueta, Perus e Bacanaço**, é o ponto de vista do narrador, que ele afirma ser o mesmo dos “jogadores de sinuca, viradores, vadios, vagabundos, merdunchos” descritos na obra.

Não estará faltando – como falta e, como às vezes, aparece – em todas as épocas críticas o repórter-marginal (melhormente para sua sobrevivência, o repórter-gangster), o romancista-bandido, o sambista ainda mais? (ANTÔNIO, 1975, p. 148).

O escritor completa:

Um gangsterismo, um individualismo, um individualismo ao menos experimental. Que, ao escrever, dê a mesma porrada, como repórter, escritor, etc., que o bandido, o jogador, o traficante, o bicheiro e, especialmente e isso tudo – herói – dão para sobreviver. Assim, uma literatura de murro e porrada. Um corpo-a-corpo com a vida (ANTÔNIO, 1975, p. 148).

A próxima categoria diz respeito a um assunto que permeia todo o texto, a combinação de jornalismo e literatura. Não por acaso, João Antônio elenca alguns

autores estrangeiros, contemporâneos seus, que faziam essa junção: Truman Capote, Norman Mailer e Vasco Pratolini, entre outros. Os trechos que fazem essa referência acabam por mostrar o quanto essa união era valorizada pelo escritor e como as ideias centrais do manifesto valiam como uma maneira de se construir uma obra, independentemente de caracterizá-la como jornalismo, literatura ou a união de ambos.

A verdade é que muito de repente, surge um novo – ou vários novos – gêneros na literatura americana. Como alguém definiria hoje **A Sangue Frio**? Romance? Reportagem? Como alguém definiria Truman Capote? Mas Truman Capote talvez seja pouco. Como definir, por exemplo, Norman Mailer? É o mesmo indivíduo-tipo-espécie artística o homem que escreveu **O Sonho Americano**, que descreveu a convenção de Chicago, que contou a história de um tiro na lua? (ANTÔNIO, 1975, p. 146).

João Antônio prossegue:

Quem diz literatura americana, tem de observar que o aspecto também italiano ou alemão [sic]. E, nessas nacionalidades, jornalismo e literatura andam se misturando na proporção do despropósito. Ou do propósito completo, se quiserem. Não me negue ninguém que uma matéria sobre o bebê proveta [sic], por exemplo, feita por Der Spiegel não seja um misto de ensaio científico, com jornalismo e certa dose ficcional. Quem fala em bebê proveta [sic], fala também da morte, etc. Não é possível omitir a contribuição de Vasco Pratolini, há mais de dez anos, fazendo conto-reportagem para as revistas italianas. Nem é preciso falar no Hemingway jornalista (ANTÔNIO, 1975, p. 147).

A partir disso, nomeia-se, então, a quinta categoria:

##### 5. Mistura de jornalismo e literatura.

Por fim, chega-se ao último critério. Um dos mais interessantes, sustentado de forma inusitada pelo autor. Partindo da simulação de uma situação de enfrentamento entre escritor e personagem, João Antônio afirma que pode-se fazer uma literatura em que a forma seja determinada pelo tema e pelo contexto onde ocorre a observação e apuração dos fatos.

Não será experimentalmente um grande tratamento, uma grande briga? Por exemplo, o escritor *versus* o personagem. O escritor *versus* a literatura. O escritor *versus* o herói. E os dois descarnando-se e enfrentando-se. Nada de compreendendo-se. A briga, o enfarruscamento, o embucetamento, o conflito, o corpo-a-corpo durará até ver quem sobra, o que sobra de cada lado.

Digamos, do escritor experimentalmente gangster, bandido, do jogador obrigadamente gangster, bandido (ANTÔNIO, 1975, p. 148).

Ele finaliza a ideia:

Do ponto de vista da forma essa nova linha de ideias favorece e até obriga o surgimento de um novo processo. Desaparece a forma apriorística, que passa a ser determinada pelo próprio tema. O escritor não pode partir com uma forma pronta. Ela será dada, exigida, imposta pelo próprio tema e com esse elemento de certa novidade, é possível admitir também que cada novo tema tratado jamais deixará de surpreender o escritor. O tema passa a flagrar o desconhecimento do escritor, uma vez que o intérprete aceita um corpo-a-corpo a ser travado com a coisa a ser interpretada (ANTÔNIO, 1975, p. 149).

Portanto, decidiu-se denominar assim a sexta premissa:

6. Forma determinada pelo tema e pelo contexto em que ocorre a apuração dos fatos.

João Antônio acrescenta que, “uma vez que a proposta revoluciona o conceito de gênero, também fere e desfalca (ou enriquece) o conceito de forma”. A partir disso, comenta que o crítico literário Antônio Cândido de Mello e Souza já denunciara que havia uma crise de gêneros no pós-Modernismo, que obrigava os escritores à experimentação. E, finalmente, o autor cita seu próprio livro de estreia, **Malagueta, Perus e Bacanaço** como um bom exemplo de literatura feita de dentro para fora, do ponto de vista dos personagens.

#### 4 ANÁLISE COMPARATIVA

O que se pretende, neste estudo, é verificar, no próprio trabalho de João Antônio – mais especificamente na sua produção com característica jornalística – o quanto dessas seis categorias estão presentes. Mas, antes, vai-se apresentar e justificar a amostra escolhida para este estudo. São reportagens de diferentes períodos da carreira do escritor, feitas para diversas publicações. O material recolhido foi obtido em visita feita pelo pesquisador ao Acervo João Antônio, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), na cidade de Assis, São Paulo, no mês de abril de 2010. Na ocasião, foram realizadas fotocópias e fotografias de sua produção – jornalística e literária. João Antônio conservou praticamente tudo o que era publicado, a seu respeito ou escrito por ele, em livros, revistas e jornais, além de anotações, cartas e sua biblioteca pessoal.

Na obtenção desse material, o pesquisador procurou dar ênfase à produção jornalística do autor. Contudo, constam também cartas, livros, contos, crônicas e entrevistas, entre outros. Tudo isto foi catalogado em um quadro (Anexo I), pela qual verificaram-se as características de cada fase da carreira do escritor. Como já foi dito no capítulo 2, antes de **Malagueta, Perus e Bacanaço**, João Antônio enviava seus contos para os jornais e foi vencedor de diversos concursos do ramo. Por conta do sucesso de seu livro de estreia, ele enveredou pela carreira jornalística, um meio prestigiado na época e um modo de sustentar-se. Começou fazendo matérias diárias para jornais menores, até transferir-se para o Jornal do Brasil, onde surgiram suas primeiras reportagens. É daí em diante, de 1965 a 1975, que aparece, com mais frequência, a produção de interesse deste estudo, as grandes reportagens, feitas para o Jornal do Brasil, a revista Realidade, o Livro de Cabeceira do Homem e o os jornais Diário de Notícias, Crítica e Panorama, além de outras publicações menos conhecidas. Nas décadas seguintes, e até sua morte, em 1996, o escritor trabalhou fazendo comentários, resenhas e críticas para jornais como O Estado de São Paulo e Tribuna da Imprensa. Ao longo de toda a sua carreira, publicou seus contos e crônicas em livro, jornal ou revista.

Feita essa antecipação, o pesquisador deteve-se nas grandes reportagens. Foram separadas 30 peças deste tipo, todas publicadas originalmente nos veículos acima citados – João Antônio reescreveu ou reproduziu diversas reportagens em

livro, como “Um dia no cais”, “É uma revolução” e “A Lapa acordada para morrer”, presentes em **Malhação do Judas Carioca**, e “Ela é o samba”, sobre Aracy de Almeida, que reaparece como “Dama do Encantado”, na obra de mesmo nome, mas optou-se por excluir essas *reciclagens* em livro. Para se chegar ao *corpus* desejado, baseou-se nos critérios a seguir.

Em primeiro lugar, uma reportagem que representasse a passagem pelo Jornal do Brasil, primeiro grande veículo em que o escritor trabalhou. Ficou-se, então, com “A Lapa acordada para morrer”, de meados de 1965, republicada em duas ocasiões: como “A Lapa antiga e a Lapa na hora da morte”, no Livro de Cabeceira do Homem, em 1967, e com o título original, no livro **Malhação do Judas Carioca** – única exceção, este original não pôde ser obtido pelo pesquisador, que trabalhará com as duas republicações.

Em seguida, tem-se uma publicação distinta, que mostra a variedade de frentes em que o jornalista atuou: “Nelson 'Cavaquinho' vai cantando a dor dos outros” foi escrita para a revista carioca Guanabara, veículo menos conhecido. Em 1966, João Antônio volta para São Paulo, para participar da redação de Realidade, um marco do jornalismo brasileiro. Ali, publica seus principais textos jornalísticos. Por conta da notoriedade e da importância da produção desse período, optou-se por selecionar quatro grandes reportagens suas para a revista. São elas: “Quem é o dedo-duro?”, de julho; “Um dia no cais”, de setembro; “É uma revolução”, de novembro; todas do ano de 1968, e “Casa de loucos”, de agosto de 1971.

Para representar a classe dos veículos da imprensa alternativa para os quais o escritor-jornalista trabalhou, tem-se uma extensa reportagem, feita para a revista Contexto, em 1971, chamada “Por que fogem nossos filhos?”.

Em 1973, João Antônio transferiu-se para o jornal Diário de Notícias. Desta publicação, escolheu-se a reportagem “E Judas voltou a ser malhado. Com fogo e muito humor”, de abril de 1974, que posteriormente inspiraria o nome do terceiro livro do autor. O jornal Panorama, de Londrina-PR, foi um projeto alternativo no qual o jornalista investiu, junto com colegas de profissão. Era a oportunidade de exercer sua atividade de forma cooperativa e com liberdade. Pela importância da experiência, decidiu-se estudar dois textos feitos para o veículo: “Está aberta a sessão”, sobre uma sessão da Câmara de Vereadores da cidade, e “Olá, professor, há quanto tempo!”, entrevista com o antropólogo Darcy Ribeiro.



Por fim, em 1975, João Antônio aceitou um convite de Ênio Silveira, dono da editora Civilização Brasileira, para ser editor de uma nova fase da série Livro de Cabeceira do Homem. Para esta, ele também escreveu grandes reportagens. Pelo formato um tanto diferenciado e pela relevância dentro de sua obra, optou-se por “Os testemunhos de Cidade de Deus”, daquele ano.

Com essa amostra, de 11 textos, pretende-se ter abrangido as diversas fases e veículos da obra jornalística de João Antônio e, portanto, fazer um estudo comparativo mais prudente, diminuindo o risco de uma análise tendenciosa. Parte-se, agora, para essa avaliação, a verificação da presença das seis categorias destacadas em cada uma das reportagens. Apresentar-se-á um pequeno resumo dos trabalhos que compõem o *corpus* deste estudo, em cada um deles, seguido da análise em si.

#### 4.1 A LAPA ACORDADA PARA MORRER (ou “A Lapa antiga e a Lapa na hora da morte”)

Esta reportagem foi feita por João Antônio para o Jornal do Brasil, em meados de seus primeiros anos como jornalista (1964/1965) e republicada pelo menos duas vezes, no Livro de Cabeceira do Homem, em 1967, e no livro **Malhação do Judas Carioca** (1975). O trabalho faz um retrato do bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, desde o seu nascimento até a década de 1960. Numa espécie de resgate histórico, o escritor apresenta as muitas fases da vida do bairro. Inicia por sua criação, em 1751, “ao redor de uma capela e de um seminário”, passa pela construção do Aqueduto dos Arcos, ainda no século XVIII, e sua posterior utilização como viaduto para os bondinhos, no final do século XIX. Em seguida, descreve a Lapa do início do século XX até 1940, ambiente de boemia, malandragem e prostituição, por onde passaram, e deixaram suas marcas, músicos (Pixinguinha, Heitor Villa-Lobos, Noel Rosa, Assis Valente, Francisco Alves etc.), escritores (Mário de Andrade, Jorge Amado, Marques Rebêlo, Manuel Bandeira etc.), malandros notórios (Madame Satã) e outros artistas, como o pintor Cândido Portinari.

Contudo, a tônica do texto é mostrar que, desde a década de 1940, com a ascensão do bairro de Copacabana, a Lapa entrou em decadência.

- Quem vai à Lapa deixa a alma em casa.  
É balela. Esse antigo código da noite na Lapa tenta ainda se sustentar na boca dos cronistas e guias anônimos, arremedando o apogeu valente e malandro de uma Lapa que não existe mais e, quando muito, imita a si mesma, olhos compridos no passado (ANTÔNIO, 1967).

A partir daí, João Antônio traça o perfil da Lapa dos anos 1960, “na hora da morte”, que teria perdido seus malandros e seu romantismo. Suas casas noturnas e cabarés teriam virado ambientes onde o freguês – chamado de *otário* pelo repórter – sempre tem razão. Em suma, os personagens, outrora cantados em prosa e verso pelos nomes acima citados, não caberiam mais na paisagem do bairro, decadente naquilo que fora sua essência.

Em primeiro lugar, busca-se checar se o texto apresenta uma forma diversa daquela preocupada com belezas e conectada apenas a movimentos literários, deixando de lado a exposição da realidade social brasileira. Em “A Lapa acordada para morrer”, as inovações quanto à forma mostram-se muito tímidas. Aparecem em trechos como:

Ali bebendo, naquela mesa, está um animal precioso e até abominável, prejuízo de uns e alegria de outras, professor de charlas e habilidades da região, o *malandresco*, o sabido, o *bem-bom* da Lapa. Mas o doutor esteja em paz, na tranquilidade morna de seu uísque, porque ali está um animal que só morde onde sabe que não vai doer e, afinal, a grande maioria dos clientes de cabarés são uns *otários* deslumbrados (ANTÔNIO, 1967).

A reportagem obedece, em boa medida, a padrões textuais jornalísticos, por exemplo, nas citações dos entrevistados. Mas não parece haver a entrega do autor aos “efeitos de estilo” e ao “texto brilhoso”, como ele mesmo fala em “Corpo-a-corpo com a vida”. Seu foco principal é revelar, de maneira crítica, a realidade do bairro carioca, naquele período, e ele não se deixa desprender disso para se preocupar excessivamente com o aspecto textual. Logo, o primeiro critério se confirma.

Quanto à segunda categoria, principalmente no que tange ao conteúdo da reportagem, João Antônio é bastante coerente com seu manifesto. Descrever a vida no bairro boêmio da Lapa, no Rio de Janeiro, é um tema brasileiro por excelência, e não é à toa que figuram, no texto, nomes célebres da cultura do país. Fazer uma literatura naturalista, que reflita a realidade brasileira, é algo que o escritor herdou de autores de gerações anteriores, como Lima Barreto e Graciliano Ramos. O primeiro

parágrafo da reportagem, que fala da morte do cachorro Elefante, traz uma referência implícita à cadela Baleia, personagem do livro **Vidas Secas**, de Graciliano Ramos. Este também mostra um quadro bem brasileiro, o sertão nordestino.

O terceiro critério está presente na reportagem, ainda que nesta o personagem central seja o espaço, o lugar, o bairro da Lapa. Mesmo assim, os principais frequentadores dessa Lapa decadente estão no texto. E eles são *leões-de-chácara* (seguranças), prostitutas, travestis e artistas fracassados, ou seja, os excluídos do sistema social de que falava o autor em seu manifesto.

O ponto de vista de dentro para fora existe, porém é pouco desenvolvido, em todas as suas possibilidades, pelo repórter. João Antônio desce até os balcões dos cabarés da Lapa, porém sua postura é pouco participante, é mais de observador e entrevistador. Ele colhe depoimentos de cafetinas e donos dos cabarés, revela números e outros dados para comprovar a decadência do bairro. O faz com muita eficiência, mas talvez essa postura ainda estivesse carente de experimentação, e ele acaba enquadrando o trabalho em padrões jornalísticos de apuração. Há imersão naquele ambiente, mas ela poderia ser mais profunda.

Nessa linha, segue a análise acerca da mistura de jornalismo e literatura, quinta premissa. A literatura está presente ali, porém o escritor é pouco ousado, mesmo no uso da forma literária, e o caráter de reportagem jornalística parece querer dominar o texto. Entrevistas, apuração, observação e, na escrita, descrição, dados, citações e outras técnicas bem próprias do jornalismo. Pode-se dizer que há a mistura, mas que ela ainda é muito incipiente. Alguns trechos, como o abaixo, ilustram a avaliação:

A Lapa embaçada e melancólica não repete nada do que ostentou em matéria de cabarés e um exemplo é o *Primor*, onde agora o cidadão Humberto Cruz (22 anos como profissional, muitos como cantor e outros como gerente do estabelecimento) dá testemunho tristonho no assobradado da Avenida Mem de Sá:

- Antes dos últimos 22 anos, não posso dizer uma palavra sobre a Lapa. Mas desse tempo para cá, já se teve de tudo. Hoje a Lapa está dando os últimos suspiros.

Mas não faz ainda quatro anos que o *Primor* mantinha um intérprete de várias línguas para receber turistas, o falecido Max, que pontificava numa área de 26 mesas circulares, luzeiros vermelhos ainda originais, grandes espelhos laterais da altura de um homem e um grande jogo de luzes variando entre azul, vermelho e branco, típico *belle-époque* (única iluminação do gênero na Lapa), patrimônio do estabelecimento, como as 26 mesas maciças de 4 cadeiras estofadas (ANTÔNIO, 1967).

Por último, a questão da forma determinada pelo tema, mas esta aparece muito discretamente para ser considerada relevante. No uso de algumas palavras, como *malandresco*, *manda-chuva* ou *leão-de-chácara*, João Antônio exibe sua verve. Entretanto, a ousadia do autor chegaria muito mais longe em reportagens posteriores. Como já foi dito, “A Lapa acordada para morrer” possui uma forma basicamente de jornalismo, com alguns traços de literatura, mas com pouca experimentação. Nesta reportagem, o tema não se destaca como fator determinante da forma como ele escreve.

#### 4.2 NÉLSON “CAVAQUINHO” VAI CANTANDO A DOR DOS OUTROS

A música popular brasileira sempre esteve presente na obra de João Antônio. Dentre outras ligações, ele foi o autor do volume da coleção Literatura Comentada sobre Noel Rosa, traçou o perfil de Aracy de Almeida, chamando-a de Dama do Encantado e escreveu reportagens sobre o Zicartola, casa de samba mantida pela sambista Cartola e Dona Zica, sua mulher. O assunto aparece, também, em diversas crônicas que fez para jornais, principalmente nas últimas décadas de carreira.

Nesta reportagem, publicada na revista Guanabara, João Antônio faz um perfil do cantor e compositor Néelson Cavaquinho, autor de clássicos do samba, como “A flor e o espinho”. Iniciada em 28 de outubro de 1910, data de seu nascimento, a trajetória do artista é contada desde a infância, passando pelos vários empregos na juventude, até 1967, ano da entrevista, em que ele já alcançava os 57 anos. Extraído da conversa do repórter com seu entrevistado, o perfil relata toda a carreira de Néelson Cavaquinho. Os primeiros contatos com a música e com o instrumento que viraria seu *sobrenome*, a consagração de ser gravado pelos grandes nomes da música nacional e o período em que foi presença garantida no palco do Zicartola e em palcos menos nobres, nas boates da Zona Sul, ou mesmo tocando de graça, “no primeiro boteco que encontrasse”. A reportagem é um olhar sobre a vida e a obra do compositor, traçando relações entre essa e aquela.

Novamente, não há, neste texto, preocupação excessiva com a forma. O que o repórter pretende, como prioridade, é apresentar a obra e a personalidade de seu perfilado. Néelson Cavaquinho representa um tipo brasileiro e carioca muito presente

no imaginário do país: o do músico, sambista, de origem humilde, que compõe para as vozes dos melhores cantores do país, vive entre um boteco e outro, apresentando-se com seu instrumento. Isso é claramente descrito na reportagem, não ficando à parte, em nome de *firulas* textuais. O critério foi atendido, portanto.

A segunda categoria – literatura com forma e conteúdo brasileiros – aparece de forma semelhante à da reportagem anterior. Num exercício de tentar-se separar forma e conteúdo – se é que é possível fazê-lo – observa-se que a primeira não apresenta grandes novidades, exceto por lampejos de brasilidade no texto (*boteco, maroto, ginga, marra* etc.). Já o segundo está perfeitamente enquadrado na defesa de João Antônio. “Nelson 'Cavaquinho' vai cantando a dor dos outros” é um retrato do músico/compositor de samba do país. De forma geral, então, está-se refletindo a vida do país. Logo, o parâmetro faz-se presente.

Quanto à terceira categoria, apesar de, durante muito tempo, os músicos terem sofrido preconceito social no Brasil, não podemos afirmar que Nelson Cavaquinho fosse um excluído ou um marginal. Contudo, como a maioria dos compositores de samba, vinha de origem pobre, de classe baixa, e, antes de viver de música, teve apenas subempregos. Jamais ficou rico com sua obra e nem enquadrou-se no *mainstream* musical brasileiro. Ao que se pode afirmar que, mesmo aqui, João Antônio mostrava coerência na escolha de seus temas. A figura do sambista é parte desse imaginário do submundo, ainda que numa posição mais privilegiada.

O quarto critério fica difícil de ser localizado numa reportagem de perfil. O que se pode dizer é que esta não é uma característica marcante da reportagem, ficando suas virtudes na capacidade do repórter de captar o espírito poético do artista, de sua vida e obra. No entanto, é válido ressaltar que o texto deixa claro que seu autor também frequentava casas como o Zicartola e viveu o clima desses lugares. Porém, pode-se descartar a presença do ponto de vista de dentro para fora, aqui.

Há, sim, certa construção literária no texto, como na descrição do ambiente do Bar da Carioca, cenário da entrevista. Para analisar o quanto de mistura de jornalismo e literatura há no perfil de Nelson Cavaquinho, todavia, outra vez esbarra-se na pouca ousadia para a experimentação literária do repórter. Esta reportagem é, ainda mais essencialmente jornalística, podendo ser comparada a outros perfis publicados em jornais e revistas. É claro que a veia de escritor e de criador, de João

Antônio, está sempre presente e, somente por isso, confirma-se esta quinta categoria.

Ainda que de forma tímida, o texto tem um quê de poético e musical, que acompanha com propriedade a obra de Nelson Cavaquinho. Não é, contudo, a melhor reportagem para exemplificar o embate escritor *versus* personagem, que desemboca na “forma determinada pelo tema”, sustentado por João Antônio. Porém, há alguns aspectos dessa ideia no perfil do compositor. Outro critério que resta atendido, portanto, ao menos parcialmente.

#### 4.3 QUEM É O DEDO-DURO?

Como já foi dito nos capítulos anteriores, a revista Realidade foi uma experiência pioneira no jornalismo brasileiro. Um dos destaques da nova publicação era a escolha de temas, quase sempre tabus na sociedade. João Antônio, como repórter de Realidade, pôde se valer de todo o seu potencial inovador. Arriscou pautas inusitadas, no período em que lá esteve, e um texto cada vez mais ousado, como se vê nesta reportagem, da edição de número 28 da revista, de julho de 1968.

“Quem é o dedo-duro?” apresenta para o leitor um personagem da vida policial que dificilmente seria lembrado numa reportagem feita dentro dos moldes comuns. É o dedo-duro, o alcaguete, aquele que se infiltra no meio dos bandidos e os entrega para a polícia, sem dúvida um assunto polêmico para um período de ditadura militar no país. O caso usado pelo repórter para ilustrar a história é o de Zé Peteleco (ou Carioca), um delator. João Antônio conta a trajetória de José (nome provavelmente fictício), como foi sua juventude, primeiras oportunidades de trabalho e os motivos por que se tornou um alcaguete.

Sobre o primeiro critério para análise, pode-se dizer que aqui João Antônio começa a soltar sua verve. Aos poucos, introduz uma nova maneira de fazer reportagens, próxima das ideias presentes em “Corpo-a-corpo com a vida”. Um modo muito difícil de ser enquadrado dentro de um movimento literário e, mesmo, dentro dos padrões jornalísticos. Além disso, mais uma vez, o foco principal do repórter é desvelar essa realidade, tocando num tema obscuro e pouco investigado. Assim, comprova-se esta premissa.

A segunda categoria também se confirma no texto. Imagine-se uma tentativa de se traduzir um trecho como “chacal, alcagueta, caguete, cachorrinho, delator, informante, reservado, federal, engessador, falador, boca mole, boca de litro, dedo duro”. Parece um exercício um tanto complicado. Há, claramente, nesta reportagem, uma intenção de criar uma nova forma de escrever, com o uso de gírias e de termos brasileiros. Mesmo assim, o escritor ainda vê a necessidade de *traduzir* as expressões para o leitor, numa espécie de dicionarização da escrita, que ele faz com o uso de parênteses.

Com o tempo, arranjou uma moleza, um mingau, uma otária (mulher da vida, fácil de dar dinheiro a seu homem, fácil de dobrar). (...) Comida, cigarros e uma notinha (um dinheirinho) todo santo dia (ANTÔNIO, 1968).

Um outro trecho exemplifica:

Eu ando cabreiro (desconfiado) com Peteleco. Essa peça se mudou lá pro subúrbio e eu sei que naquela paróquia (praça, lugar) anda havendo um chorrilho (série) de assaltos a residências. E o Peteleco não tem apresentado muito serviço. Sabe como é que é: quem entrega de um lado, entrega do outro, (ANTÔNIO, 1968).

Quanto ao terceiro critério, a opção de João Antônio vai ao encontro de seu manifesto, novamente. O perfil do delator é o de um excluído. Ele vem das camadas mais baixas da sociedade e, por falta de uma boa chance profissional pelos caminhos lícitos, acaba enxergando nessa vida perigosa uma via mais fácil para sobreviver. É um legítimo representante da escória, que é trazido pelo escritor-jornalista, numa nada comum escolha de personagem. Acrescente-se o obstáculo de se falar da polícia em meio aos tempos de ditadura militar, o que mostra a coragem do repórter.

Agora, João Antônio demonstra com mais ênfase o que quis dizer com “ponto de vista de dentro para fora, participante”, quarto preceito. Para fazer sua apuração, ele mergulha na rotina arriscada de um alcaguete. Convive com ele, frequenta os mesmos ambientes, ouve bandidos, delatores e policiais. E escreve pela ótica de seus personagens. É fácil perceber a tensão em que vive Zé Peteleco, podendo morrer a qualquer instante, ou o clima de desconfiança mútuo que há entre policiais e delatores. Não há um olhar de cima para baixo, julgador, no texto, nem um

posicionamento de um lado ou de outro. O que existe é a simples exposição dos fatos, de baixo para cima, para que o leitor construa suas sentenças.

O quinto quesito também está presente, embora em reportagens futuras de Realidade, João Antônio ousará mais em termos literários. O próprio artifício de iniciar o texto por uma situação que só iria ser totalmente descrita ao final da reportagem é próprio da literatura. Não há a mínima preocupação em obedecer parâmetros como os do *lead* e da *pirâmide invertida*. A mistura entre jornalismo e literatura é evidenciada, por exemplo, na construção cena a cena e na reprodução de diálogos, técnicas usadas por Tom Wolfe e os escritores do *New Journalism*. O parágrafo destacado mostra o quanto a expressão literária – principalmente no que tange ao ritmo das frases – do repórter é nada desprezável. E observe-se que se trata do segundo parágrafo do texto.

Nenhum dos outros responde. Há um silêncio, a espera está pesando. Um deles acende um cigarro estranho, fininho. Aspira fortemente, mais, mais, fazendo uma sucção demorada, nervosa. E passa o cigarro ao próximo. No escuro, a brasa do cigarro andando, parando, andando, é o que melhor aparece (ANTÔNIO, 1968).

A sexta categoria é mais uma que começa a se explicar com maior propriedade com esta reportagem. Apesar de trazer intertítulos, citações e outras técnicas próprias do jornalismo, o texto mostra novidades no que diz respeito à linguagem. João Antônio quer se despir de seus vícios de escrita e propor uma reportagem feita pelo linguajar de seus retratados. Aqui, ainda parece preso a algumas regras, por exemplo, por fazer uma espécie de glossário do palavreado de seus personagens. Entretanto, o clima dos botecos, das mesas de sinuca e dos terrenos baldios frequentados por esses bandidos está lá, inteiro, no texto.

#### 4.4 UM DIA NO CAIS

Rotulado, pelo próprio autor, como o primeiro conto-reportagem brasileiro, “Um dia na cais” foi publicado primeiramente na edição de número 30, de setembro de 1968, da revista Realidade, junto com o trabalho do fotojornalista Jorge Butsuem. Depois, reapareceria como “Cais”, somente, no livro **Malhação do Judas Carioca** (1975). No texto, João Antônio descreve 24 horas nos arredores do maior porto do



Brasil, o de Santos. De dia, o trabalho na estiva, a chegada e partida de navios, a rotina de famílias pobres, de moleques jogando futebol e trabalhando como engraxates nas ruas. À noite, as aventuras dos estrangeiros pelo cais, a vida das prostitutas e dos donos de cabarés e restaurantes. Tudo isso desenrolado das cinco horas da manhã de um dia até o amanhecer do próximo. O leitor acompanha as duas protagonistas da história, Rita Pavuna e Odete Cadilaque, profissionais do sexo, à espera de um *gringo* para ser enganado. No caminho delas, os detalhes do cais do porto e de suas redondezas vão sendo narrados. Uma realidade brasileira, pobre, suja, marginal e bandida. O submundo, a descrição da escória, que fariam a fama de João Antônio e tornariam “Um dia no cais” a sua mais notória e conhecida reportagem. Nela, o escritor-jornalista parece ter conseguido alcançar todos os objetivos que buscava. Uniu literatura e jornalismo a ponto de confundi-los. Viveu um mês no cais de Santos e tentou trazer a visão de quem mora naquele espaço.

Quanto ao primeiro critério, este é um bom momento para fazer-se uma ressalva. João Antônio não queria filiar-se a nenhum movimento literário, parece claro. Contudo, seria ingênuo pensar que, por aparentar ser despojado, escrevia de maneira espontânea e despreocupada com a forma. Mais uma vez, seu foco principal é refletir a realidade, fazer a denúncia social, por meio do dia-a-dia dos habitantes e frequentadores do porto de Santos. No entanto, o autor vai aumentando sua investida nos diferentes formatos, a cada reportagem. E expõe aí seu cuidado com a colocação das palavras e das frases. Nada que o disvirtue da exposição dessas realidades.

Nessas investidas, referidas anteriormente, tenta encontrar novas formas, apostando em temas brasileiros, para chegar a uma literatura e a um jornalismo com a marca nacional, fatores que orientam a avaliação da segunda categoria elencada por este estudo. Em “Um dia no cais”, novamente, esta tentativa aparece. A reportagem é um mergulho num ambiente ao mesmo tempo conhecido e desconhecido por todos os brasileiros. O que João Antônio quer fazer é o que preconizou o crítico literário Antônio Cândido: experimentar novos jeitos de se fazer literatura no país; e o escritor vê na revista Realidade uma plataforma para sua exploração.

Outro quesito contemplado é o terceiro, que trata da escolha dos personagens. O cais santista apresenta um leque muito diversificado dos tipos retratados pelo repórter. Quando ele defende ser impossível se produzir uma

literatura de heróis taludos num país em que os homens estão comendo rapadura e lutando para sobreviver, bem poderia estar falando desses trabalhadores da beira do cais. Estão ali as prostitutas, os estivadores, os moleques de rua e os descamisados de que fala o autor. A opção que o repórter faz não poderia ser mais condizente com essas ideias.

João Antônio viveu um mês no porto. Comeu naqueles restaurantes, comprou nos armazéns, bebeu nos botecos, frequentou os cabarés. Daí, escreveu sua reportagem, com a ótica de dentro, olhando pelo mesmo nível dos portuários. A quarta categoria se confirma, pois resta demonstrada sua imersão no lugar retratado. Em momento algum, o leitor consegue imaginar que o texto pudesse obter o resultado que teve sem que o repórter estivesse lá, vivendo aquela realidade.

A mistura de jornalismo e literatura aparece já na apresentação, quando o texto é nomeado de conto-reportagem. A palavra *conto* dá a liberdade ao escritor de fazer uso da ficcionalidade na reportagem e impõe ao leitor a dúvida sobre a veracidade de personagens como Rita Pavuna e Odete Cadilaque. Mas isto não prejudica o caráter jornalístico do trabalho. Esses são os personagens que povoam o cais e, ainda que João Antônio possa ter criado algumas das histórias, elas possuem muita verossimilhança. Isso tudo indica que, provavelmente, aqui, a convergência das duas áreas tenha atingido seu ápice. A descrição é cronológica, mas nem por isso pouco literária. E as informações estão ali, como numa clássica reportagem.

Quanto à forma determinada pela tema e pelo contexto, sexta premissa, pode-se afirmar que aparece com ainda maior intensidade. Agora, João Antônio desprende-se da necessidade de explicar gírias e expressões usadas pelo povo do cais. O autor está mais solto e não economiza no uso dessas palavras. O trecho abaixo ilustra isso:

Rita Pavuna se manda. Tocando para os lados de lá do armazém 5-6, um pedaço pesado dos cantões do cais. Boca do inferno. Morte certa no porto – conforme se diz. Ali, até polícia à paisana mede distância, não esconde o medo. Ou respeita ou cai do cavalo. Rita se indo. Lá anda cabra traquejado. Otário, fariseu, mocrongo, Manoel e Zé Mané não têm o que fazer lá. É o que se diz. Rita andando (ANTÔNIO, 1968).

Está presente uma bem resolvida tentativa de criar uma nova forma. Cada termo é incluído com exatidão, para enriquecer o amplo vocabulário da reportagem.

São novas palavras, vindas da boca dos personagens, que determinam o seu formato. A escrita acompanha o ritmo do porto, na mímica e no trabalho silencioso dos estivadores e na gritaria das brigas de bar. O repórter sabe o efeito que quer causar e pouca coisa parece escapar de seu domínio. É, sem dúvida, um texto que condiz com todas as ideias sustentadas pelo autor em “Corpo-a-corpo com a vida”.

#### 4.5 É UMA REVOLUÇÃO

Esta é uma reportagem sobre um dos maiores clássicos do futebol brasileiro: Cruzeiro x Atlético-MG. Originalmente publicada na edição 32, de novembro de 1968, da revista Realidade, também reapareceu no livro **Malhação do Judas Carioca** (1975). João Antônio conta tudo o que costuma acontecer em Belo Horizonte, em virtude do jogo. O jornalista abre o texto descrevendo a véspera do clássico, os preparativos e as provocações entre torcedores. Em seguida, faz uma retrospectiva da vida na capital mineira antes e depois da construção do estádio Magalhães Pinto, o Mineirão. Explica como a novidade afetou os hábitos dos mineiros e como aumentou sua paixão pelo futebol. Baseado nos intertítulos que indicam os horários do dia do jogo, um domingo, o repórter relata toda a preparação para a partida e descreve a movimentação dos torcedores no estádio e até fora dele, falando da cidade paralisada em função do clássico. No texto, o menos importante é o jogo em si, seu resultado. A reportagem dá vida ao entorno do acontecimento, e traz uma carga contundente de informações e números sobre o assunto, além de entrevistas com profissionais que analisam as consequências do evento na sociedade mineira.

Quanto à primeira categoria, pode-se dizer que “É uma revolução” é um texto menos ousado, se comparado com os dois anteriores. Enquadra-se perfeitamente nas características de uma reportagem jornalística, com inspiração literária. Mas vale lembrar que o escritor nunca deixa de lado sua preocupação com o encaixe de palavras e frases e, conseqüentemente, com a forma, ainda que seu objetivo principal não seja este. O autor mira, e é bem sucedido, na meta de refletir a realidade brasileira, ao esmiuçar um tema tão popular no país, como a paixão pelo futebol.

O segundo critério está contemplado na reportagem. Falar de futebol é falar de Brasil, refletir a vida do país. O diferencial, aqui, está na abordagem que o repórter faz, desvincilhada da que a crônica esportiva nacional costuma usar. “É uma revolução” é mais uma etnografia dos habitantes de Belo Horizonte e menos uma reportagem futebolística. Destaca-se em forma e conteúdo, ambos com personalidade brasileira.

Esta terceira categoria não se pode dizer, exatamente, que esteja presente no texto. O protagonista de João Antônio é a massa, a multidão, o povo de Belo Horizonte, e para ilustrá-lo ele recorre a espaços comuns na sua obra – como o cabaré – cita moleques de rua, que vibram com seu time, e outros componentes da torcida em geral. A diferença, desta vez, é que serão entrevistados e aparecerão com destaque os presidentes dos clubes, um psiquiatra, sociólogos e o padre atleticano que reza a missa no estádio, entre outros. As visões, aqui, não foram as dos excluídos socialmente, logo, o critério não se confirma.

O ponto de vista, quarto preceito, é variável na reportagem. Ora está lá, dentro, no chão duro da arquibancada, ora está na visão do presidente do clube. Em geral, o repórter mantém um olhar crítico e envolvido, logo, não se pode dizer que não passe para o leitor a ótica do torcedor ou do morador da capital mineira. Porém, diversas vezes o texto vale-se do pontos de vista externos, como os de sociólogos ou outros analistas do fenômeno futebol.

Jornalismo e literatura dão a tônica da reportagem. Juntos, mas não a ponto de confundir-se realidade com ficção, como em outras ocasiões. A forma é que se apresenta bastante literária. Há construção cena a cena, há reprodução de diálogos e outras modos do fazer literário, mas sem perder o foco de premissas jornalísticas. O trecho que será reproduzido é quase poético. Para mostrar até onde os tentáculos do futebol alcançam, na vida social, o autor vai a uma casa noturna, na véspera do clássico e remonta um cenário que, em si, contém tudo o que a reportagem quis dizer.

Às 10 da noite, no Bico de Lacre, que tem luminosos de confeitaria e é uma mistura de cabaré, restaurante e casa de chope, os ares são decadentes. Tipos marginalizados, anônimos, homossexuais, prostitutas, estão ao lado de don-juans melancólicos e homens que bebem sozinhos, calados.

Os instrumentos dos músicos podem atacar, barulhentos, de rumba, ié-ié-ié, samba. Os homens e as mulheres, lado a lado, mas ilhados, prosseguem na mesma solidão. No seu ensimesmamento, as pessoas

chegam a ser sinistras; e no ar há um estado de espírito de depressão pesada.

Tocam “Granada”, fora do tempo, do ritmo e da moda. A mulata mineira passa, ancas generosas, uma tonalidade típica na pele, de quem nunca viu o mar. Os garçons transitam quietos, caras fechadas, enquanto as prostitutas passeiam, banhudas. No corredor, os bocas-abertas calados espiam, desconfiadamente. Uma guitarra elétrica e um órgão gemem, se acompanhando.

Alguém liga a televisão, que agora mostra futebol; antecipa o que virá amanhã. Então, todos os olhos vão para o vídeo e homens e mulheres parecem sair de dentro de si, para viver, afinal, algo coletivo. É o momento esperado, o maior jogo do Estado de Minas Gerais: Cruzeiro Esporte Clube, a Raposa, versus Clube Atlético Mineiro, o Galo (ANTÔNIO, 1968).

A sexta categoria está ausente nesta reportagem. Como foi dito, no parágrafo anterior, há uma construção literária do texto, às vezes quase poética, mas sem fugir aos padrões jornalísticos. No entanto, não se vê uma forma determinada pelo tema, que é o futebol e suas consequências. Pouco aparece do linguajar dos frequentadores do estádio nas palavras do repórter. As gírias e o despojamento, quando vêm, surgem antecidos por um travessão ou um destaque (raro) em negrito – como no caso de “sofredores”. João Antônio parece ter freado seu ímpeto em “É uma revolução” e decidido restringir sua experimentação aos padrões da revista e do jornalismo literário feito à época.

#### 4.6 CASA DE LOUCOS

João Antônio produziu esta reportagem para a edição de agosto de 1971 da revista Realidade, a partir dos dias que passou internado em um sanatório psiquiátrico, no Rio de Janeiro. Ele conta um dia inteiro da instituição, não diferente de qualquer outro, pois o tom do lugar é a rotina. Descreve cada uma das três alas da *casa de loucos*, divididas pela gravidade das enfermidades de seus ocupantes. Destaca-se um perfil, o do *professor* Gaspar, um esquizofrênico que diz conversar com Fidel Castro, Mao Tsé-Tung e outros líderes, e que enxerga conspirações por toda a parte. Além dele, outros personagens, como Rute, a epilética, ou Leogivildo, o faxineiro. O ritmo lento e tedioso do dia-a-dia do lugar é detalhado. As más condições em que são cuidados aqueles internos são denunciadas, com sutileza.

Para a primeira categoria, o veredito é semelhante ao de “É uma revolução”. Parece claro que, se João Antônio internou-se num sanatório e depois relatou essa experiência, a sua intenção central é revelar essa realidade. Mostrar ao leitores

como é o funcionamento de uma instituição dessas e como são tratados seus doentes. Todavia, como no exemplo anterior, o repórter não abandona seu cuidado com a forma, ainda que não queira agradar este ou aquele movimento literário – esta é uma pequena contradição, em relação ao manifesto, que o autor carrega ao longo de toda esta análise. A avaliação preliminar é de que é muito provável que as inovações trazidas por João Antônio não vingariam sem esse apuro textual. De todo modo, como já foi dito, o foco está na realidade retratada e, portanto, o critério está contemplado.

A avaliação sobre forma e conteúdo que reflitam a vida brasileira é um tanto complicada aqui. Sanatórios dos anos 1960/1970, e talvez mesmo atualmente, não são muito diferentes no mundo inteiro, no que tange à crueldade de alguns tratamentos. O que torna o tema mais nacional é o problema do excesso de doentes e da falta de funcionários, além das más condições do estabelecimento, denunciados pelo repórter. Aí é que reside a denúncia social brasileira e se confirma a premissa defendida pelo escritor.

A escolha dos personagens é bastante apropriada. Pessoas com problemas psiquiátricos internadas em uma clínica não são só excluídos, como são retirados do convívio social. A reportagem vem enriquecer a gama de tipos retratados por João Antônio em sua obra.

O ponto de vista de dentro para fora também se confirma com força. Poucas vezes vê-se tamanha imersão e postura participante no jornalismo. O repórter esteve internado e viveu a rotina dura dos doentes mentais. Nesse período, aproveitou para entrevistar e conviver com pessoas perturbadas e funcionários não menos mal tratados. No texto, soube denunciar o que viu lá dentro, comendo da mesma comida dos internos, sem perder sua visão crítica dos acontecimentos.

Assim como na reportagem anterior, em “Casa de loucos” a mistura de jornalismo e literatura se confirma. Há, de novo, trechos de importante valor literário, como mostra o último parágrafo.

Mas, por enquanto, Rute está rezando – e podem contar – são mais de 6 horas, que os pássaros revoaram sobre as árvores e as coisas já se pintam de preto. Um dia acabou. Quem torcer o pescoço e olhar para o alto, para além desses muros, paredes e árvores, verá uma estrela no céu. Morre um dia, morre o sol. A noite desce sobre todos nós (ANTÔNIO, 1971).

A convergência das duas áreas faz-se valer também pelo ritmo e pela construção das cenas, desatrelada de padrões somente jornalísticos, como o modelo americano, de *lead* e *pirâmide invertida*.

Em virtude de ter vivido a situação apresentada na reportagem, João Antônio inclui, em certos trechos, expressões usadas pelos internos. Exemplos: *impregnados, feras, choques quentes e frios, pirados e maluquinhos*. Porém, essa técnica não chega a determinar a forma textual, como recomenda a sexta categoria. E mais, o jornalista começa a repetir termos que empregou em outras reportagens, evidenciando que, como qualquer escritor, possui palavras recorrentes em sua obra, mesmo que tenha um vasto vocabulário e que sempre busque ampliá-lo. Exemplos: *marotice, povo-povo e lusco-fusco*.

#### 4.7 POR QUE FOGEM NOSSOS FILHOS?

Esta é uma extensa reportagem, rica em dados e informações, sobre menores desaparecidos. Foi publicada na revista Contexto, de São Paulo, em dezembro de 1971. O texto busca explicar quais os motivos que levam muitos jovens a fugir de casa. Pretende, ainda, orientar os pais acerca de como agir para se evitar a situação. Ilustrando com casos diversos de fugas de crianças e adolescentes, João Antônio apresenta o contexto em que se dão os fatos, inclusive acompanhando uma ronda policial, feita em uma perua, que recolhe menores à noite. Além disso, o repórter faz uma análise das estatísticas sobre os desaparecimentos. O diagnóstico diz que, na maioria das vezes, o problema está na maneira como os pais criam seus filhos. Para ratificar a avaliação, termina a reportagem com uma entrevista com a psicóloga Marianne Schreyer, do Ministério da Saúde, que tira suas conclusões e orienta pais e responsáveis sobre a educação de seus dependentes.

De todos os textos analisados até este ponto, “Por que fogem nossos filhos?” é o que tem o formato mais ortodoxo, jornalisticamente. Apesar de tratar-se de uma longa reportagem, não traz grandes novidades, inclusive não possuindo aspectos literários marcantes. Portanto, nela, o escritor-jornalista aparenta preocupar-se menos com a forma, ineditamente. Logo, talvez seja onde o autor mostre maior coerência com a primeira categoria elencada por este estudo. Ele procura despejar

muito dados e informações, a fim de revelar uma realidade acachapante: milhares de jovens que desaparecem, vários deles porque fogem de casa. Números que aumentavam a cada ano, na época. Sem meneios e cuidados maiores com frases e palavras, o repórter quer impressionar principalmente por seu trabalho de apuração.

O tema é fortemente ligado à realidade social brasileira. Outra vez, o assunto integra uma temática nacional, unindo-se a diversos já retratados por João Antônio. O segundo critério se confirma, porque a reportagem busca refletir a vida brasileira, ainda que não haja uma tentativa de se criar um novo jeito de reportar, com a marca do Brasil.

A presença da terceira premissa confirma-se. Estão aí personagens que, por vontade própria, envoltos num contexto opressivo, e imaturos que são, excluem-se. Explica-se, na reportagem, alguns dos motivos causadores da exclusão social. O autor, além de mostrar coerência com o manifesto, vai além. Procura apresentar soluções, buscar, com especialistas, orientação para esses jovens. Se a intenção de João Antônio, com a escolha de personagens à margem da sociedade, é ajudá-los, aqui ele realiza essa ideia.

Quanto à quarta categoria, pode-se dizer que imersão do repórter existe. Porém, o texto não expressa esse ponto de vista de dentro. A ótica é de um jornalista que fez seu *dever de casa*. Entrevistou as fontes indispensáveis para a pauta, observou, acompanhou e conviveu com seus retratados, e escreveu sua reportagem de forma extremamente competente. Entretanto, sem grandes inovações de gênero, como essa que se refere ao ponto de vista.

A mistura de jornalismo e literatura é irrisória, apesar de todo o espaço editorial disponível. Nesta reportagem, João Antônio trabalha exclusivamente como jornalista e seu lado escritor é tão tímido que não possui relevância para ser destacado. Portanto, não se confirma a quinta premissa.

Por fim, também a forma é, como já foi referido, ortodoxa. Parece vir do jornalista e não ser determinada pelo tema. Mais, é um formato praticado na maioria das redações, ainda que não traga a objetividade do formato *lead* e *pirâmide invertida*. Falta ousadia e experimentação para o repórter neste texto.



#### 4.8 E JUDAS VOLTOU A SER MALHADO. COM FOGO E MUITO HUMOR (ou “Malhação do Judas Carioca”)

Esta reportagem foi publicada originalmente no jornal Diário de Notícias, no dia 14 de abril de 1974, e, no ano seguinte, reeditada no livro **Malhação do Judas Carioca** (inclusive dando nome a este), com algumas correções e mudanças. Relata mais um capítulo de uma tradição popular católica, a *malhação de Judas*, que consiste em bater, com pedaços de pau e outros objetos em um boneco feito de serragem, amarrado a um poste, e depois atear fogo nesse, ao meio-dia do Sábado de Aleluia. Geralmente, no Brasil, os bonecos são vestidos e mascarados como políticos e autoridades que o povo deseja *malhar* naquele ano.

Em 1974, quando João Antônio fez a reportagem, ainda sob o regime de ditadura no país, a *malhação de Judas* estava proibida. Mesmo assim, em alguns bairros do subúrbio do Rio de Janeiro, continuava acontecendo, e foi o que o repórter descreveu. Sem poder usar os nomes de autoridades, o povo vestiu os bonecos de figuras conhecidas na comunidade – o dono do boteco, o bicheiro e, principalmente, as mulheres da vizinhança. Na capa do livro **Malhação do Judas Carioca**, aparece uma foto de meninos de bairro destruindo e ateando fogo a um boneco de *Judas*.

É importante ressaltar, novamente, quanto ao apuro com a forma, que João Antônio fez diversas alterações para republicar a reportagem em livro (até o nome foi mudado). Não apenas erros foram corrigidos, mas palavras foram transferidas de lugar e frases inteiras retiradas ou acrescentadas. O escritor expunha, de novo, seu cuidado com o formato, que descia às minúcias. Contudo, não se pode dizer que esse apuro fosse o objetivo principal do repórter. Aqui, fica refletida mais uma realidade brasileira, a de uma tradição sustentando-se com força na periferia carioca.

A coragem de tentar um novo jeito de reportar volta com este texto. O que confirma a segunda premissa. A *malhação de Judas*, uma manifestação das origens católicas populares brasileiras, é mostrada com uma linguagem inovadora. A tentativa de criação de uma escrita com forma e conteúdo nacionais está presente e, portanto, seis anos depois das primeiras experiências na revista Realidade, João Antônio ainda não perdeu sua ousadia.

A terceira categoria também se confirma. Os personagens são os habitantes dos subúrbios cariocas, senão explicitamente representantes da escória ou do submundo, ao menos gente que vive abaixo da linha da classe média. O que está sendo revelado é a sua cultura e seus costumes, manifestações populares que só podiam se dar dessa maneira na periferia da sociedade.

Há, também, o ponto de vista de dentro para fora. Embora esta seja uma matéria mais simples, produzida para um jornal diário, houve a imersão do repórter, que participa, parece mesmo fazer parte da comunidade que retrata. A postura é bem diferente da que se costuma ver nas páginas dos periódicos mais comuns. João Antônio arrisca-se, como um morador do subúrbio que contasse a *malhação de Judas* de seu bairro.

Talvez por tratar-se de um jornal diário, o quinto critério aparece timidamente aqui. O ritmo é de uma reportagem como qualquer outra da publicação. A literatura vai mostrar sua presença no vocabulário e na despreocupação com as formas jornalísticas padrão. Mas, sem dúvida, a impressão deixada pelo texto é de tratar-se de um trabalho de jornalismo, principalmente porque vinculado a um fato, ocorrido na véspera. Não há relevância que justifique a presença desta categoria.

Por último, este é mais um exemplo de forma determinada pelo assunto. O texto se apresenta solto, despojado, aberto às influências de linguajar da comunidade, ainda que não use tantas gírias e expressões populares como “Quem é o dedo-duro?” ou “Um dia no cais”. Dois trechos demonstram a ideia:

O pequeno mundo da Rua da Liberdade, com seu ambiente de futricas, pinimbas e amores foi passado a limpo, sem falsas peias e grandes delongas pela crônica dos testamentos pendurada em cartazes nos judas. A vida de Gracinha, de Carioca e de Arerê foram revistadas e expostas em português de morro, em palavras licenciosas e objetivas (ANTÔNIO, 1974).

E o segundo:

E enquanto o Largo da Cancela não ferve, vigiado pelas idas e vindas do camburão, a Rua da Liberdade explode com palavrões e humor. E pára o movimento doméstico. Mães vêm para as janelas, a rapaziada de bermudas sai à rua e até o ponto do bicho tem de parar, (ANTÔNIO, 1974).

#### 4.9 ESTÁ ABERTA A SESSÃO

Trata-se de uma reportagem feita para o jornal Panorama, projeto experimental de que João Antônio participou nos anos 1970, na cidade de Londrina, Paraná. As duas reportagens da publicação (esta e “Olá, professor, há quanto tempo!”) escolhidas para este estudo, caracterizam-se pelo tom incomum e inovador. Neste primeiro trabalho, publicado na edição de 14 de março de 1975, o repórter acompanha uma sessão da Câmara de Vereadores do município, descrevendo a atuação dos parlamentares – seus discursos, trajés, comportamento e as votações da pauta do dia. O texto registra diversos erros propositais do autor, fazendo parecer que são erros de digitação ou de português.

O que aparentam ser erros de grafia ou digitação, com o decorrer da leitura, vão se mostrando intencionais e dão uma forma irônica e inusitada para a reportagem. Refletem, por certo, o modo de falar dos próprios edis. Fica claro que não há vinculação a movimentos literários e que existe uma intenção de revelar como é a rotina das atividades na *casa do povo* de Londrina. A Câmara Municipal, em tese, deve ser palco de discussões sobre os problemas da população. Logo, julga-se importante que seu dia-a-dia fique registrado nas páginas de jornal. Poucas vezes se lê um registro tão próximo desse trabalho.

Quanto à forma e conteúdo, o repórter mostra que o uso de ironia, feito com inteligência, tem espaço. João Antônio faz uma crítica à maneira como as questões são debatidas na Câmara. Temas de pouca relevância ou de interesse dos próprios parlamentares são incluídos na pauta e debatidos com a pompa e a linguagem pernóstica comuns dentro desse tipo de instituição. Quase na totalidade do tempo da sessão, os presentes não prestam atenção à fala dos oradores, no plenário. Ao cometer, propositadamente, erros no texto, o jornalista pretende mostrar, ironicamente que, se os vereadores não dispensam a mínima atenção aos temas que são tratados na Câmara, pouco importaria o que ele escrevesse no jornal, mesmo que contivesse erros crassos. Um mau costume, próprio de muitos parlamentos no país. O que dá uma feição nacional ao conteúdo, comprovando a presença da segunda categoria no texto.

A terceira categoria está ausente do texto. Não há personagens excluídos da sociedade. Ali, pelo contrário, o foco são os vereadores, que geralmente possuem

bons salários e que, nesta sessão plenária, ainda tratam de um aumento de seus vencimentos. Vale lembrar que a Câmara Municipal deveria estar discutindo pautas que representassem as vontades da população, principalmente essa, excluída e de baixa renda e, de toda a forma, o repórter faz a defesa desse público.

O ponto de vista não é o dos personagens. Porém, pode ser considerado como de dentro para fora. O repórter faz um trabalho apenas de observação e descrição, mas vai até o plenário da Câmara, assiste à sessão e, de lá, apresenta sua visão crítica do assunto. Usa o mesmo tipo de linguagem formal e empostada para relatar como acontecem as discussões dos parlamentares, evidenciando a ótica que caracteriza a quarta premissa deste estudo.

A quinta categoria é pouco ou nada utilizada na reportagem. Afora o uso de um formato inesperado para contar os fatos, João Antônio não se vale da expressão literária que lhe é própria, em outros textos. O conteúdo aqui é apenas jornalismo, feito de forma crítica e com uso de ironia.

Por fim, porém muito relevante, é a análise do sexto critério. Nesta reportagem fica evidente que a forma foi determinada pelo tema. Como já foi mencionado, João Antônio usa uma linguagem muito semelhante àquela empregada pela maioria dos parlamentares no Brasil. Uma fala austera e formal – por vezes em excesso. Contudo, o aspecto mais importante, no que tange ao formato usado, são os erros introduzidos pelo repórter. Verdadeira provocação à atitude dos vereadores em seu ambiente de trabalho. É pela forma, inédita, que o jornalista pretende atingi-los, sem jamais explicitar em palavras sua crítica, valendo-se apenas do relato dos acontecimentos.

#### 4.10 OLÁ, PROFESSOR, HÁ QUANTO TEMPO!

Esta é outra experiência feita para o jornal Panorama. Impedido, pelas limitações impostas pela censura, à época, de abordar certos assuntos e, inclusive, de mencionar o nome do personagem principal de sua reportagem, João Antônio apresenta, aqui, seu relato acerca de uma entrevista com Darcy Ribeiro, publicado em 27 de março de 1975. Havia pouco tempo que o antropólogo voltara do exílio, autorizado pelo governo ditatorial, para fazer tratamento de saúde, quando o encontro ocorreu. O repórter apenas descreve, em primeira pessoa, o passo-a-

passo para a realização da matéria, sem jamais citar o nome do entrevistado – no texto o chama somente de *professor*. Na republicação da reportagem, em livro, o escritor revela o nome de Darcy Ribeiro apenas ao final, no último parágrafo. De ambas as maneiras, subverte a ordem de uma entrevista comum, cuja informação sobre quem é o entrevistado seria a primeira a aparecer.

O jornalista começa contando sua chegada ao apartamento de Darcy Ribeiro, no Rio de Janeiro. Dois policiais à paisana vigiavam o antropólogo dia e noite. O professor fora liberado para voltar ao Brasil para retirar um câncer no pulmão, operação para a qual lhe davam apenas 5% de chances de sobrevivência. Ele surpreendeu a todos e recuperava-se em seu apartamento, onde João Antônio foi ao seu encontro. Com a reportagem, além de traçar um perfil do antropólogo, o escritor aproveita para denunciar abusos da polícia autoritária, como tortura e maus tratos.

Quanto à primeira categoria: O texto escrito em primeira pessoa é um indicativo forte de que não possui preocupação quanto ao caráter jornalístico. Também é difícil vinculá-lo a um movimento literário qualquer, apesar de possuir uma construção bem próxima à literatura. A preocupação principal é o tema, o perfil de uma importante figura nacional. Portanto, o primeiro critério está contemplado.

Quanto ao segundo critério, também pode-se dizer que está presente na reportagem. Ele traz um caráter de ineditismo no formato e possui aspectos e temas próprios do Brasil (Rio de Janeiro, ditadura militar etc.), além de entrevistar uma destacada personalidade do país.

A entrevista só possui um personagem, o antropólogo Darcy Ribeiro. Cassado em seus direitos políticos e até na sua cidadania, mesmo sendo um professor universitário, pode-se afirmar que ele estava excluído da sociedade, ainda que sob um tipo de exclusão diferente da que João Antônio vinha trabalhando. Logo, conclui-se que a terceira categoria está contemplada na reportagem.

O quarto critério está presente e é uma característica do texto. João Antônio escreve a partir de seu ponto de vista, inclusive tirando conclusões acerca das reações e atitudes de seu entrevistado. Não poderia haver uma ótica mais “de dentro para fora, participante”. Ele realmente participa e é relevante nas ações que se passam durante a entrevista. Um trecho demonstra isso:

Tímido, pelo menos a princípio chamando de senhor um homem de pés no chão do apartamento amplo, ele percebendo que eu dissimulava mal a admiração. Leve, rápido, não fumando, foi pedir café à empregada,

ofereceu suco, preferimos café. Pedi para fumar. Grossura – claro que aquilo o incomodava (ANTÔNIO, 1975).

Destacadamente pelo ritmo e pela construção próprios da literatura, pode-se afirmar que a quinta categoria se apresenta aqui. Nem sempre a convergência entre as duas áreas se dá com doses ficcionais no texto. Aliás, o corrente é ver-se essa mistura ocorrer exatamente como nesta reportagem. Forma próxima da literatura e conteúdo determinado por princípios do jornalismo.

A sexta premissa também aparece na reportagem. A forma, nela, é determinada pela tom da conversa e pela personalidade de Darcy Ribeiro. Como em outras vezes, porém aqui com mais frequência, o escritor-jornalista tira as falas de seu entrevistado para fora das aspas e produz um texto conduzido pela linguagem desse. Poucas vezes esta ideia de João Antônio se realiza tão plenamente. E isto ocorre porque o repórter se permite a liberdade de ver seu texto sofrer interferências do ambiente a ser retratado. É a briga, o enfarruscamento, de que fala no manifesto. O resultado, “o que sobra”, é algo como a forma aplicada em “Olá, professor, há quanto tempo!”.

#### 4.11 OS TESTEMUNHOS DE CIDADE DE DEUS

O objetivo desta reportagem é fazer um diagnóstico da situação do conjunto habitacional Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. Na época em que foi publicada (1975), no Livro de Cabeceira do Homem – revista em formato de livro, de que João Antônio era editor – o bairro completava seus primeiros dez anos de existência e já começava a mostrar sinais de que o que era para ser uma solução habitacional para aquelas pessoas virara um grande problema. João Antônio optou por revelar isso de três formas diferentes. Na primeira parte, traz depoimentos de moradores da Cidade de Deus. Ali, a fala dos próprios entrevistados domina grande parte do texto, ficando na voz do repórter somente a descrição do perfil de seus interlocutores e de alguns outros detalhes que compõem as cenas. Num segundo momento, que o autor chama de “Panorama Horizontal”, ele faz um relato de suas impressões do local, enquanto observador. É uma descrição detalhada e crítica sobre a vida no conjunto habitacional. A terceira e última parte do texto, chamada “Revista dos Jornais”,

apresenta, cronologicamente, desde a implantação do bairro, notícias de diversos jornais sobre o lugar.

Quanto ao primeiro critério, vale lembrar que, para João Antônio, “o de que carecemos, em essência, é o levantamento de realidades brasileiras”. Logo, uma boa interpretação da primeira categoria é dizer-se que o mais relevante é analisar se o autor preocupa-se, prioritariamente, em denunciar realidades, e não escreve apenas para a *gloriazinha*, aplicando *floreios* na formatação de seu texto. Portanto, ainda que o repórter apresente uma forma criativa – dividir o texto em três blocos diferentes – e pensada para produzir o efeito que ele espera – oferecer várias visões de um mesmo problema – há coerência com o manifesto, pois a meta do jornalista permanece sendo a denúncia social.

Forma e conteúdo que reflitam a vida do país – segundo critério – claramente estão presentes. O repórter busca um formato inovador, e o usa para revelar mazelas da sociedade brasileira, como esta, do problema de habitação do Rio de Janeiro, onde as classes mais baixas ocupam as encostas dos morros e, quando se tentou um processo de desfavelização (termo usado pelo escritor), este foi executado cercado de escolhas erradas.

Esta reportagem está centrada em seus personagens, porque quer revelar a miséria em que vivem. Logo, confirma-se também a terceira premissa, a da escolha dos personagens. Figuram nela os excluídos, os *descamisados*, os representantes das mais baixas classes sociais, exatamente como prega o manifesto de João Antônio. Não é por acaso que a reportagem foi feita no mesmo ano da publicação de “Corpo-a-corpo com a vida”.

Afora a terceira parte do texto, que traz notícias publicadas em jornais, o restante apresenta o ponto de vista de dentro para fora, ombreado com os moradores daquele lugar. Isso se mostra nas palavras do repórter, na primeira parte da reportagem, e ganha força na descrição feita na segunda parte, pois vê-se que é um relato “visto do rés-do-chão”, como diz o texto, ou seja, comprometido com os problemas daquele povo.

Basta um breve leitura dos primeiros parágrafos da parte denominada “Panorama Horizontal” para perceber a presença da quinta categoria no texto. Outra vez, a literatura domina o ritmo e a construção da escrita, com a descrição pormenorizada das cenas, entre outros aspectos. Além disso, a própria divisão e apresentação da reportagem de diferentes modos é uma solução que pode ser

considerada literária. O caráter jornalístico do tema é evidente e a mistura se dá naturalmente.

Na análise das três partes da reportagem, percebe-se que, nas duas primeiras, o escritor-jornalista permite-se, um pouco mais, abrir mão do domínio de seu trabalho e possibilita que a linguagem de seus retratados penetre seu texto. Contudo, é impossível afirmar, olhando a reportagem como um todo, que João Antônio admita que o tema determine a forma com que escreve. Para usar uma analogia com o seu manifesto, neste caso, quem *venceu a briga* foi o autor e o critério não está contemplado no texto.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa bibliográfica feita neste estudo foi de grande valia para o entendimento de algumas questões que surgiram a seguir. Muitos fatores influenciaram o pensamento de João Antônio, para que o escritor chegasse ao manifesto “Corpo-a-corpo com a vida”. Ele exerceu a profissão de jornalista durante um período de censura e perseguições políticas, o que deve ter imposto várias restrições às quais ele se opunha, e que só aumentaram seu vontade de denunciar problemas sociais brasileiros da época. O fato de ter aproximado jornalismo e literatura trouxe toda a carga de efeitos que, historicamente, essa combinação possuía. Além disso, o autor estava conectado a outros movimentos que surgiam pelo mundo, nessa mesma linha, nunca desperdiçando a herança de escritores realistas-naturalistas brasileiros. Em redações abertas para a experimentação, como as da revista Realidade ou do jornal Panorama, encontrou a liberdade de que precisava para exercer todo o seu ânimo inovador.

João Antônio era um homem de origem pobre. Criou-se nos ambientes do trabalho humilde, da malandragem e da *viração*, que possuíam aspectos de intensa brasilidade. Era frequentador de mesas de sinuca, botecos e casas de samba. Nada mais natural que quisesse retratar assuntos ligados a um submundo que conhecia de perto e àquela que acreditava ser a verdadeira expressão da cultura e dos hábitos do Brasil. A música popular do país, apenas para citar-se um exemplo, foi pauta de muitos textos dele. Mas é no lumpem, nas camadas mais baixas e sofridas da população, que ele foi buscar a maioria de seus temas, diferentemente mesmo de pares de sua geração. Em “Corpo-a-corpo com a vida”, o escritor apresenta, então, a partir de seu olhar sobre a profissão, sua visão de sociedade.

O repetido exercício de se verificar a presença das ideias defendidas por João Antônio em seu manifesto, e categorizadas por este estudo, gerou, primeiramente, algumas consequências. A mais imediata é que fez com que o pesquisador tomasse contato com uma extensa amostragem de toda a produção jornalístico-literária do autor. Some-se a isto a visita ao Acervo João Antônio, em Assis, e as discussões no Encontro João Antônio, em São Paulo, e se pode ter uma noção de seu envolvimento, maior a cada passo, com o tema. Isto alterou conclusões e novos caminhos foram sendo propostos no decorrer da pesquisa.

A percepção sobre o que o autor queria dizer na primeira categoria elencada por este trabalho – combate à preocupação com formas ligadas apenas a movimentos literários, em detrimento de conteúdos que contemplem a realidade social brasileira – foi mudando ao longo do estudo, e o conceito de forma, um tanto subjetivo, dificultava essa avaliação. Com a consulta a estudos já feitos sobre a obra do autor, e com as ideias suscitadas no Encontro, na USP, entendeu-se que o apuro que o escritor tinha com sua obra não podia ser negado. Contudo, não era a despreocupação total com a forma que João Antônio pregava, e sim, a prioridade para a revelação da realidade brasileira. Ainda que num diagnóstico superficial, pode-se dizer que isso contradiz as ideias de Sússekind (1984, p.37), que afirma que a literatura brasileira, fortemente influenciada pelo Naturalismo, “nega-se enquanto ficção, enquanto linguagem, para ressaltar o seu caráter de documento, de espelho ou fotografias do Brasil”. João Antônio não precisava desapegar-se da linguagem para fazer sua denúncia.

Outra dificuldade foi encontrar o parâmetro para se medir a congruência de jornalismo e literatura. Texto notadamente jornalístico com influências literárias? Mistura de ficcionalidade e factualidade? A história da convergência das duas áreas deu a luz a muitas e distintas experiências. Espera-se que a avaliação presente neste estudo tenha encontrado um bom termo para fazer a verificação desse quinto critério.

Como se percebe pelo quadro de incidência das categorias (Anexo I), na maioria das vezes, João Antônio foi coerente com suas premissas. Porém, esta não é uma análise matemática, e o importante é ressaltar que, de forma geral, ele estava agindo de acordo com suas ideias e, portanto, demonstrando o valor dessas. Em princípio, o que o escritor mostra é a viabilidade de seu modo de fazer literatura e jornalismo. Contudo, mais necessário é destacar que o autor experimentou e defendeu uma nova forma de se fazer jornalismo, com ousadia, com uma linguagem renovada, com uma profunda imersão nas situações reportadas. Esta forma ainda pode ser amplamente explorada, por apontar tendências pouco desenvolvidas na reportagem.

O presente trabalho sugere que novos estudos sobre João Antônio podem ser feitos. Sua obra jornalística foi relativamente pouco estudada até o momento. As próprias ideias presentes no manifesto (ponto de vista de dentro para fora, postura participante do repórter e forma determinada pelo tema) merecem ser

exaustivamente debatidas nos meios acadêmico e profissional. Esses preceitos bem podem ser aplicados ou buscados em obras de outros autores ou no trabalho desenvolvido em diferentes publicações pelo Brasil. Tentativas contemporâneas de convergência de jornalismo e literatura, como livros-reportagem ou revistas, apontam que há um campo fértil para que esse trabalho seja ampliado.

Afora isso, também há o caráter de denúncia social na sustentação de João Antônio, que chama a atenção, pois preconiza um objetivo para o jornalismo e a literatura praticados no Brasil. Isso contribui para o debate sobre o papel da imprensa na sociedade e abre caminhos para outros estudos.

## REFERÊNCIAS

- ANTÔNIO, João. **Ô Copacabana!**. São Paulo: Cosac Naify, 2001. 144 p.
- ANTÔNIO, João. **Dama do Encantado**. São Paulo: Nova Alexandria, 1996. 118 p.
- ANTÔNIO, João. **Malhação do Judas Carioca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. 152 p.
- ANTÔNIO, João. **Leão-de-chácara**. São Paulo: Cosac Naify, 2002. 184 p.
- ANTÔNIO, João. **Zicartola e que tudo mais vá pro inferno!**. São Paulo: Scipione, 2007. 80 p.
- ANTÔNIO, João. **Abraçado ao meu rancor**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. 244 p.
- ANTÔNIO, João. **Malagueta, Perus e Bacanaço**. São Paulo: Cosac Naify, 2004. 224 p.
- AZEVÊDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. **João Antônio: Repórter de Realidade**. João Pessoa: Ideia, 2002. 135 p.
- BOSI, Alfredo. **Comentário crítico**. Disponível em: <[http://www.cedap.assis.unesp.br/acervo\\_joao\\_antonio/Comentarios.htm](http://www.cedap.assis.unesp.br/acervo_joao_antonio/Comentarios.htm)>. Acesso em: 10 mai. 2010.
- BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007. 216 p.
- CANDIDO, Antonio. **Comentário crítico**. Disponível em: <[http://www.cedap.assis.unesp.br/acervo\\_joao\\_antonio/Comentarios.htm](http://www.cedap.assis.unesp.br/acervo_joao_antonio/Comentarios.htm)>. Acesso em: 10 mai. 2010.
- CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex (org.). **Jornalismo e literatura: A sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002. 180 p.

COSSON, Rildo. **Fronteiras contaminadas**. Brasília: UnB, 2007. 278 p.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**: Escritores jornalistas no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 400 p.

HOLLOWELL, John. **Realidad y ficcion**: El Nuevo Periodismo y la novela de no ficcion. México, D.F.: Noema, 1977. 240 p.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Unicamp, 1995. 372 p.

MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem**. Canoas: Ulbra, 1996. 248 p.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de; ORNELLAS Clara Ávila; SILVA, Telma Maciel da (org.). **Papéis de escritor**: Leituras sobre João Antônio. Assis: FCL - Assis - UNESP - Publicações, 2008. 216 p.

RAMOS, Ricardo. **Comentário crítico**. Disponível em:  
<[http://www.cedap.assis.unesp.br/acervo\\_joao\\_antonio/Comentarios.htm](http://www.cedap.assis.unesp.br/acervo_joao_antonio/Comentarios.htm)>. Acesso em: 10 mai. 2010.

RÓNAI, Paulo. **Comentário crítico**. Disponível em:  
<[http://www.cedap.assis.unesp.br/acervo\\_joao\\_antonio/Comentarios.htm](http://www.cedap.assis.unesp.br/acervo_joao_antonio/Comentarios.htm)>. Acesso em: 10 mai. 2010.

SÜSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. 203 p.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 245 p.